

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

MARIANA BULEGON DA SILVA

***LUZ, CÂMERA, AÇÃO!* PRÁTICA CINEMATOGRAFICA EM AULA DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL**

**PORTO ALEGRE
2017**

MARIANA BULEGON DA SILVA

***LUZ, CÂMERA, AÇÃO!* PRÁTICA CINEMATOGRAFICA EM AULA DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL**

Monografia apresentada como quesito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas; Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela da Silva Bulla

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Bulegon da Silva, Mariana
Luz, Câmera, Ação! Prática Cinematográfica em aula
de Português como Língua Adicional / Mariana Bulegon
da Silva. -- 2017.
52 f.
Orientadora: Gabriela da Silva Bulla.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa
e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e
Literaturas de Língua Espanhola, Porto Alegre, BR-RS,
2017.

1. Português como língua adicional. 2.
Multiletramentos. 3. Audiovisual. 4. Cinema. 5.
Curta-metragem. I. Bulla, Gabriela da Silva, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

A quem contou as primeiras histórias, mostrou os primeiros filmes, levou ao cinema, à escola, ao médico, me acompanhou fisicamente e em pensamento a todos os lugares que fui e que quis ir: obrigada, mãe!

Ao meu companheiro de toda vida, que antes mesmo de vir ao mundo já estava do meu lado, compartilhando espaços, ideias, sonhos, amizade. Guilherme, meu irmão e fiel escudeiro: “May the force be with you!”

Aos meus “padrinhos mágicos”, Salete, Sandro e Leonel e aos meus “voinhos”, Adelaide e Ezídio, por todos os ensinamentos, todos os momentos em família, todos os sorrisos, todo o apoio, confiança, carinho, amor.

À Gabi Bulla, pela orientação deste trabalho, de todos os outros e por fazer parte da minha formação como professora. Por tudo que com ela aprendi nas orientações, aulas, conversas e simplesmente a observando trabalhar com tanta dedicação e amor pelo que faz.

Às minhas amigas e meus amigos, principalmente à Dica, Bárbara, Iza, Laura, Matheus, Patrick, Renata e Thaís: vocês dão cores a qualquer filme em preto e branco! Agradecimento especial às amigas Dica, Renata e Thaís, que contribuíram com a bibliografia, sugestões e revisão deste trabalho.

Às colegas do PPE, pela troca de experiências e de boas energias no trabalho, principalmente à Dina, Kétina e Raquel, por todo o apoio, incentivo e excelente companhia.

Às minhas alunas e meus alunos, a quem espero ter ensinado alguma coisa, porque com eles eu aprendi muito. Agradeço especialmente às alunas e alunos do curso Prática Cinematográfica 2017/1, protagonistas deste trabalho.

Ao meu par romântico, meu amor de cinema, que vive comigo um filme de amor há muito mais do que duas horas. Ao Eduardo. Por tudo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre multiletramentos e cinema em sala de aula de Português como Língua Adicional (PLA), através de um relato de experiência com o ensino das duas linguagens – audiovisual e PLA. São apresentadas e discutidas as práticas de sala de aula no curso Prática Cinematográfica, em 2017/1, do Programa de Português para Estrangeiros (PPE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), explorando o currículo que foi planejado para esta edição do curso e relatando criticamente as aulas vivenciadas. Foi oferecido aos alunos conhecimentos básicos da linguagem audiovisual. Logo após, os alunos analisaram filmes a partir de um olhar um pouco mais técnico e, como produto final, produziram dois curtas-metragens. É destacada a importância do trabalho com filmes como gênero de consumo e produção, bem como da abordagem de multiletramentos na aula de PLA. Este trabalho pode servir a professores que desejam realizar um projeto semelhante com suas turmas, promovendo a prática de multiletramentos em sala de aula e a paixão pelo cinema.

Palavras-chave: Português como língua adicional. Multiletramentos. Audiovisual. Cinema. Curta-metragem.

RESUMEN

Este trabajo tiene como propósito reflexionar sobre los multiletramentos y cine en clase de Portugués como Lengua Adicional (PLA), a través de un relato de experiencia con la enseñanza de los dos lenguajes – audiovisual y PLA. Se presenta y se discute las prácticas de enseñanza en el curso Prática Cinematográfica, 2017/1, del Programa de Portugués para Extranjeros (PPE), de la Universidad Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), abordando el currículo planeado para ésta edición del curso y relatando críticamente las clases vivenciadas. Se les ofreció a los alumnos los conocimientos básicos del lenguaje audiovisual. Enseguida, los alumnos analizaron películas desde una mirada un poco más técnica y como producto final, produjeron dos cortometrajes. Se destaca la importancia de multiletramentos en clase de PLA. Este trabajo puede servir para profesores que desean realizar un proyecto semejante con sus grupos, promocionando la práctica de multiletramentos en clase y la pasión por el cine.

Palabras-clave: Portugués para extranjeros. Multiletramentos. Audiovisual. Cine. Cortometraje.

ABSTRACT

The purpose of this study is to reflect upon (multi)literacy and cinema in a classroom of Portuguese as Additional Language (PAL) through an experience report on the teaching of the two languages – audiovisual and PAL. Classroom practices in the Cinematography Practice course of 2017/1, part of the Portuguese for Foreigners Program (PPE) of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), are presented and discussed, exploring the syllabus that was planned for this edition of the course and critically reporting on each lesson. Students were offered basic knowledge of audiovisual language. Thereupon, the students analyzed films from a slightly more technical look and, as a final assignment, they produced two short films. The importance of working with films as a genre of consumption and production, as well as with a (multi)literacy approach in the PAL class is highlighted. This paper is helpful to teachers who wish to carry out a similar project in their classrooms, promoting both the practice of (multi)literacy in the classroom and the passion for cinema.

Keywords: Portuguese as an additional language. (Multi)literacy. Audio-visual. Cinema. Short film.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. LETRAMENTOS, MULTILETRAMENTOS E GÊNERO CINEMA.....	14
2.1 O cinema: da poltrona ao set	17
2.2 O cinema em sala de aula	18
3. GLOSSÁRIO DE LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	20
4. O CURSO PRÁTICA CINEMATOGRAFICA.....	25
4.1 Relato das aulas.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	50

1. INTRODUÇÃO

Língua, linguagem e cultura são termos que se pertencem em suas definições. Experienciar um é, mesmo que inconscientemente, conhecer, aproveitar e usar outro. São muitas as teorias que discorrem acerca de tais conceitos. Aqui busco compreender língua e linguagem como meio de interação e ação social, tendo em vista a concepção bakhtiniana sobre essas noções e enfocando língua e linguagem em práticas de ensino. A teoria bakhtiniana considera que é através da linguagem que os sujeitos se estabelecem em todas as esferas da comunicação e que, pelo uso da linguagem, os sujeitos se expressam de diferentes maneiras, formas e intenções. Segundo Bakhtin (1997, p. 124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes”. Desse modo, dentro de um sistema em que se estabelece a interação social, a linguagem é o produto da comunicação. De acordo com Bakhtin (2003):

A língua é deduzida da necessidade do homem de auto expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo. Propunham-se e ainda se propõem variações um tanto diferentes das funções da linguagem, mas permanece característica, senão o pleno desconhecimento, ao menos a subestimação da função comunicativa da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de um falante sem a relação *necessária* como *outros* participantes da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 270)

É através da linguagem que as situações de comunicação acontecem, e é por ela que os sujeitos se imprimem interagindo em sociedade. Conforme Bakhtin (2003):

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Portanto, todas as relações existentes no âmbito da comunicação, em qualquer nível e formato, acontecem através do uso da linguagem.

Entendendo a importância da língua e da linguagem para a comunicação e interação social, a cultura, dentro desse viés, pode se estabelecer como elemento motivador pelo qual o sujeito se insere e se imprime na linguagem. Sabemos que a noção de cultura pode ser muito extensa e ter diversas possibilidades de significação. Aqui me atenho à noção de cultura como

caracterização de uma sociedade, bem como modos de agir e de manifestar. De acordo com os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009, p. 37) “pelo uso da linguagem, o ser humano se torna capaz de conhecer a si mesmo, sua cultura e o mundo em que vive. Isso significa que os sentidos produzidos se expressam por meio de palavras, imagens, sons, gestos e movimentos”. Nesse caso, entendo cultura como caracterização de um grupo e manifesto cultural de tais características, o modo pelo qual determinada sociedade vive se manifesta e age, utilizando língua e linguagem para tal. A partir dessa classificação, entendo o ensino de língua, linguagem e cultura atrelados a um objetivo: expressar-se, comunicar suas ideias, pensamentos, vontades e desejos. Em associação com o ensino e, em conformidade com o que busco abordar nesse trabalho: o ensino da língua através do uso da linguagem manifestado pela cultura; o ensino de Português como Língua Adicional (PLA) através do cinema¹. Entendo que o objetivo, nesse caso, seja apropriar-se da língua e da linguagem para expressar, comunicar, manifestar ideias, opiniões e desejos. Valorizar a cultura individual e coletiva nas práticas de sala de aula, torna possível o enriquecimento das mesmas, da aprendizagem e das vivências - porque aula também é viver e faz parte da vida.

Toda manifestação, todo enunciado e qualquer tipo de interação ente os falantes de uma língua são trabalhados dentro das infinitas possibilidades de uso da linguagem. Cada enunciado tem sua intenção e particularidades, sendo assim, cada enunciado tem sua categoria, considerado gênero do discurso. Segundo Bakhtin (2003):

O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Entendendo que os gêneros do discurso estão no mundo exercendo suas funções comunicativas e que através deles se estabelece o uso da linguagem, percebemos que há uma diversidade de textos escritos, orais, audiovisuais e multimodais² para serem explorados em sala de aula.

Os sujeitos, em sociedade, se comunicam através do uso da linguagem. As práticas sociais constituídas pelo do uso da linguagem são infinitas. Os eventos nos quais os sujeitos

¹ Entendo cinema como gênero do discurso, linguagem, arte e produção audiovisual. Aqui, irei tratar de cinema como gênero e linguagem, já que assim abordam as literaturas que li para este trabalho. Os textos que tratam de teorias cinematográficas se referem à cinema como linguagem, utilizando os termos “linguagem cinematográfica”, “linguagem do cinema”, entre outros. Já a linguística aplicada, se refere à cinema como gênero (discursivo). Por essa razão, optei por trabalhar os dois temas neste trabalho: linguagem e gênero.

² Por exemplo: página de internet, videoclipe, vídeo de Youtube, filmes, etc.

se inserem nessas práticas através da linguagem são considerados gêneros do discurso. De acordo com Conceição (2012), os gêneros discursivos

(...) organizam todas as esferas comunicativas, e é por meio das diferentes práticas sociais em que participamos que reconhecemos, por exemplo, um poema como um poema, e não como uma receita culinária; uma conversa entre amigos sendo diferente de uma entrevista de emprego; uma peça de teatro como algo distinto de uma campanha publicitária; uma prescrição médica como algo diverso de um conto. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 14)

Ao escolher trabalhar com gêneros orais públicos, pode-se valer do conhecimento do aluno sobre esses gêneros e realizar um trabalho de reflexão da linguagem vinculado a eles, com planejamento dentro das modalidades orais e escritas. Em outras modalidades dos gêneros orais há outras possibilidades de ensino e aprendizagem e de uso da linguagem. Entre tanta diversidade, optei por trabalhar com um objeto que considero universal³, público e também poético: o cinema.

Neste trabalho, apresento um relato analítico e pessoal sobre o curso *Prática Cinematográfica* do Programa de Português para Estrangeiros (doravante, PPE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com enfoque principal no currículo planejado para as aulas e nas aulas em si. A prática que relato aqui aborda o ensino da linguagem audiovisual em aula de PLA. Trata-se de um curso interdisciplinar que oferece o estudo e a apropriação da linguagem audiovisual e de PLA, desenvolvido por meio de um projeto de aprendizagem. O objetivo deste trabalho é relatar a minha prática docente no curso Prática Cinematográfica, como professora de PLA e de cinema em um mesmo projeto. Para isso, exponho aqui o currículo do curso, as atividades elaboradas, fotos⁴ de alguns resultados e relatos que escrevi em meu diário de classe.

Muitas são as teorias que discorrem a respeito do ensino por meio de projetos que, em geral, visam a trabalhar um determinado tema, com preparação para a exploração, apropriação e domínio do tema para, ao longo do percurso, ser construída uma produção final. Conforme Schlatter e Garcez (2012, p. 90) um projeto “é uma proposta de produção conjunta da turma em relação ao tema selecionado”. Um projeto, segundo Neves (2012, p.7) “é um trabalho coletivo que orienta as atividades realizadas em sala de aula, pois conta com um objetivo claro - uma produção final conjunta que tem propósitos definidos e que é publicada com intuito de atingir determinados interlocutores”. Nessa perspectiva, um projeto de

³ O cinema é um campo muito amplo, uma arte, um estudo e uma lacuna a ser compreendida e explorada. Considero que o cinema seja universal e pelo inegável espaço que conquistou e conquista no mundo ao longo de seus dois séculos de existência.

⁴ Infelizmente, não será possível expor todos os resultados nesse trabalho, já que os produtos finais são filmes. Portanto, exponho fotos.

aprendizagem conta com o engajamento dos alunos para sua realização, desde às etapas que envolvem, conforme sistematiza Neves (2012, p. 14): leitura e produção de textos, trabalho com gêneros do discurso focalizados, análise e reflexão linguística sobre os recursos específicos e seus efeitos de sentido, a prática e o uso dos recursos expressivos relevantes e necessários para o desenvolvimento da produção final e o produto final. As atividades e tarefas desenvolvidas durante as etapas devem buscar justificar o produto final (SCHLATTER e GARCEZ, 2012; NEVES, 2012).

Considerando isso, o curso *Prática Cinematográfica* foi idealizado a partir de um projeto que proporciona a experiência de produzir textos de gêneros do discurso cinematográfico e um filme como produto final em 45 horas ao longo de um semestre. As aulas foram ministradas por mim ao longo de todo o semestre, com a participação de outros dois professores da área do cinema/audiovisual⁵. O curso se trata de uma proposta interdisciplinar, seu objetivo principal é trabalhar, por meio de um projeto, duas diferentes abordagens: PLA e audiovisual⁶. O cinema é uma linguagem conhecida desde os últimos anos do século XIX, quando os Irmãos Lumière envolveram a sociedade parisiense em sua mais moderna criação: a imagem em movimento. Segundo Martins (2015),

De fato, as imagens, analógicas e digitais, fixas e em movimento, ocupam o cotidiano do cidadão contemporâneo, habitante das grandes cidades, de tal modo que delas já não se apercebem, bem como de suas dimensões, de suas formulações, das realidades diversas que re(a)presentam à sua percepção e interpretação de mundo. Vivemos a definitiva embriaguez da virtua... (MARTINS, 2015, p. 102)

Desse modo, justifico a escolha da prática voltada ao cinema em aula de PLA, uma vez que os alunos aportam conhecimento, pelo menos básico, acerca do gênero. Além disso, trabalhar cinema em aula de PLA promove:

- a exposição de impressões culturais que podem contribuir para o aprendizado e (re)conhecimento da cultura brasileira;
- noções da variação linguística do português brasileiro;
- uma narrativa em português a ser compreendida, interpretada e analisada, a fim de que o aluno busque elementos para desenvolver tais competências dentro o idioma;
- o estudo de gêneros orais públicos;

⁵ Entendo por audiovisual tudo aquilo que é registrado em formato de vídeo. Cinema é um gênero audiovisual, porém dentro da área do audiovisual existem outras modalidades como, por exemplo, o telejornal, a telenovela, comerciais publicitários, entre muitas outras. Utilizo os termos audiovisual e cinema como sinônimos, conforme li e aprendi nas literaturas sobre cinema que orientam esse trabalho.

⁶ Entendo por audiovisual todos os registros gravados por uma câmera, que envolvem imagem em movimento. Cinema é um gênero audiovisual, mas audiovisual, nem sempre é cinema. Como exemplo disso posso citar telenovelas, telejornais, vídeos de *YouTube*, entre outros.

- expansão do vocabulário, entre outras.

Todas essas possibilidades de promoção para a aprendizagem de PLA através do cinema são elaboradas considerando o gênero como recepção. Pensando em produção⁷ de cinema, a abordagem contribui para:

- o diálogo em português entre a equipe para definir o argumento do filme;
- a escrita de um roteiro;
- a apropriação de determinada linguagem para os atores que irão interpretar os personagens, além do aperfeiçoamento da pronúncia em português;
- a sistematização de uma narrativa em formato *storyboard*;
- o aprendizado e uso dos planos em português;
- o envolvimento e trabalho em equipe;
- a inversão de papéis de sujeito consumidor para sujeito produtor de cinema, imprimindo suas ideias, criações e vontades de expressar em um filme, em português.

Tendo isso em vista, considero a arte cinematográfica um recurso provido de grandes possibilidades de se trabalhar, seja como gênero de recepção, produção ou recepção-produção.

O currículo elaborado, que apresento neste trabalho, visa a aprofundar e oferecer aos alunos mais conhecimentos e experiências em relação ao cinema, utilizando as duas abordagens – audiovisual e PLA – trabalhadas em sala de aula. Além de trabalhar a visualização e a análise de alguns filmes como gênero de recepção, esse curso possibilitou a produção dos gêneros do discurso⁸ que constituem e são produzidos no processo de realização do filme, dentre eles roteiro, sinopse, *storyline*, *storyboard*, cartaz, trilha sonora, legendas e créditos, aumentando o repertório dos alunos e fomentando novas possibilidades de usos da linguagem⁹. As oportunidades de uso do PLA nesse curso se dividiram entre elaborar, combinar e discutir a produção dos curtas entre as equipes e se expressar corporal e oralmente em suas atuações, uma vez que os próprios alunos foram os atores dos filmes.

Organizo este trabalho apresentando o que entendo por cinema, elaborando um glossário com termos cinematográficos para que professores interessados em desenvolver um trabalho semelhante com seus alunos possam conhecer um pouco da nomenclatura e seus usos. Também discuto a relação entre cinema e educação, apresento o currículo do curso, o relato das aulas e minha perspectiva da prática desenvolvida com a turma. Este trabalho pode

⁷ Os gêneros de consumo trabalhados no curso foram quase todos reproduzidos ou produzidos.

⁸ Ao longo do trabalho, relato e elucido as produções dos alunos e os gêneros de consumo e produção.

⁹ Entendo por possibilidades de usos da linguagem, neste contexto, a oportunidade de consumo e produção dos gêneros pertinentes ao tema, bem como a comunicação oral que os alunos mantiveram ao realizar seus filmes.

contribuir para a formação de professores que queiram trabalhar com o ensino da linguagem audiovisual em suas aulas, aumentando o repertório de suas atividades e possibilitando o ensino da técnica e da prática de multiletramentos em sala de aula. No próximo capítulo, discorro acerca dessas práticas.

2. LETRAMENTOS, MULTILETRAMENTOS E GÊNERO CINEMA

*Um cinema que “educa” é aquele que
(nos) faz pensar.*

Ismail Xavier

A concepção bakhtiniana de gêneros do discurso entende que o uso da linguagem é mobilizado em atividades sociais, nas diferentes esferas da comunicação. De acordo com Bakhtin (2003):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Os sujeitos, inseridos na linguagem e pela linguagem, conhecem e estabelecem práticas sociais através dos gêneros acessíveis e necessários à comunicação. Dadas essas considerações, pode-se perceber a necessidade de os gêneros do discurso serem o foco das aulas de língua – materna ou adicional. As práticas de letramento na escola, acredito, necessitam trabalhar a favor da promoção de uma formação crítica do aluno, tornando possível a inserção, reconhecimento e capacidade de interação através dessas práticas que, segundo Rojo (2009) devem “dar conta as demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda de ética plural e democrática [...]” (Rojo, 2009, p. 90)

De acordo com Kleiman (1995, p.1) “os estudos do letramento têm como objetivo de conhecimento os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita”. Dessa forma, o professor que promove as práticas de letramento, acompanha o cotidiano do aluno em seu processo de escolarização, fomentado uma sistematização, nas aulas de língua, de todas as práticas de letramento que o aluno vive e precisará para viver. “Letramento” é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana, segundo Kleiman (2005, p.9). Letrar é proporcionar formas de interagir em todas as possíveis modalidades da língua: oral, escrita, multimodal e hipertextual.

Considerando o trabalho com recursos audiovisuais, é possível perceber que não há só uma forma visual de compreender esse texto, visto que o gênero carrega em si muitas formas de leitura, além da imagem em movimento, a música, a dramatização, outras expressões artísticas e significações que um filme apresenta. O cinema como recurso de

ensino de língua promove o uso do que entendo por multiletramentos em sala de aula. Conforme Miguel et al (2012)

Se, até meados do século XX, as práticas de letramento, fundamentadas, em sua maioria, no uso da tecnologia da escrita para o ensino-aprendizagem da leitura e da produção textual, atendiam às demandas postas à educação escolar da época, a partir do surgimento das tecnologias digitais, novos desafios são postos à escola. (MIGUEL et al, 2012, p. 212)

As tecnologias digitais, as mídias e os textos multimodais que circulam no mundo hoje fazem parte do cotidiano do aluno e, por essa razão, conquistam seu espaço dentro das práticas escolares. O cinema não é uma modalidade tão recente se comparada a outros gêneros audiovisuais, como vídeos do YouTube, por exemplo. Embora arte cinematográfica tenha surgido no século XIX, dentro das salas de aula, ela ainda não tem tanto protagonismo. Por essa razão, o cinema como pode ser considerado um novo desafio em relação às práticas de letramento mais conhecidas e trabalhadas em sala de aula. Um filme, em geral, apresenta significados visuais, sonoros e textuais e todos esses elementos são fundamentais para a compreensão do todo. Sendo assim, se compreende o cinema dentro da noção de multiletramentos. O conceito de multiletramentos, segundo Rojo (2009), “refere-se às novas práticas de letramento que envolvem a multiplicidade de linguagens e mídias presentes hoje na criação de textos (multimodalidade) e também a diversidade cultural relacionada aos produtores e leitores de tais textos” (p. 168-9). Os gêneros multimodais apresentam duas ou mais modalidades linguísticas dentro de um texto – orais, escritas, audiovisuais e hipertextuais. De acordo com Teixeira e Litron (2012):

As práticas de linguagens na contemporaneidade exigem novas reflexões no processo de ensino da leitura, já que novas são as relações multiculturais entre o que é local e o que é global, valorizado e não valorizado; novas são as formas de circulação dos textos e as situações de produção de discursos; novos são os gêneros e as ferramentas de leitura-escrita. (Teixeira e Litron, 2012, p. 168)

Os gêneros textuais que se enquadram dentro das práticas de multiletramentos são, geralmente, muito acessíveis e envolventes. Podemos perceber isso, por exemplo, ao olhar para uma sala de aula onde muitos alunos têm um celular em suas mãos que, muitas vezes, é censurado pelos professores ou pela direção da escola. Me questiono se não é essa uma possibilidade de avançar a favor da relação entre a tecnologia e escola, da promoção dos multiletramentos em sala de aula. As novidades da era smartphone ocupam espaços significativos no cotidiano dos estudantes e, com isso, o acesso a categorias de informação digital se torna mais rápido. O aluno já é consumidor desses gêneros em suas vivências não

escolares e, por isso, considero que as práticas de letramento podem ser muito cativantes e importantes nesse sentido. Não podemos negar que as novas formas de leitura e interação oportunizadas pela internet, tecnologia e mídias digitais são atrativas e rápidas, e, por assim serem, fomentam novos espaços e situações de uso da linguagem. Tendo isso em vista, as práticas de multiletramentos podem, além de envolver o aluno, servir para formar sujeitos críticos em relação a essas leituras e situações de comunicação dentro desse mundo globalizado e, cada vez mais, virtual.

De acordo com Miguel et al (2012)

É hora de passar a levar em consideração o conceito de letramentos. Compete à escola, pela ampliação e circulação de variados textos/gêneros, a responsabilidade de criar condições para que o aluno envolva-se em múltiplas práticas de letramentos que possibilitem sua inserção e participação em inúmeras esferas da atividade humana presentes na sociedade. (MIGUEL et al, 2012, p. 214)

Desenvolver práticas de multiletramentos é relevante para o aprendizado, uma vez que o aluno já é consumidor desses gêneros fora da escola. Acercar o que é de conhecimento geral, abordando em sala de aula pode servir para enriquecer o currículo e as habilidades do aluno, possibilitando a formação de um olhar crítico sobre os gêneros consumidos.

O gênero cinema pode ser ou não virtual, de rápido ou fácil acesso, mas se configura dentro dos textos multimodais e abarca significativas propostas de uso da linguagem – oral, escrita e multimodal. O gênero também imprime, em sua categoria, elementos que atravessam a vida cotidiana, a (re)inventam, propõem (novas) formas de ser e ver a vida e o mundo. É um texto eloquente em sua essência, um texto que faz parte do conhecimento popular. Apesar de dispor de variações quanto a apropriação e domínio popular sobre o gênero, a arte cinematográfica abarca diversas linguagens e percepções, categorizando-se dentro do gênero multimodal e expressando sua diversidade para quem a consome e quem a produz. Conforme Cortês e Gerbase (2012):

O cinema é, desde sua invenção, há mais de dois séculos, um fator de mobilização das características mais específicas da condição humana – através dele, é possível catalisar emoções e experimentar vicariamente a aventura de viver qualquer papel, em qualquer tempo, de qualquer modo, em qualquer lugar. (CORTÊS e GERBASE, 2012, p. 61)

Os sujeitos, muitas vezes, têm necessidade de viver novas experiências, mesmo que seja por um breve momento. O cinema permite infinitas possibilidades e promove vivências que podem durar duas horas¹⁰ ou muito mais do que isso. Cinema, língua e linguagem são uma

¹⁰ Em geral, o tempo de duração de um filme.

potencial combinação que favorece a promoção da aprendizagem de forma crítica, criativa e rica em possibilidades de uso da linguagem.

Os pressupostos teóricos apresentados neste capítulo orientam a pesquisa e orientaram o trabalho realizado com a turma de Prática Cinematográfica.

2.1 O cinema: da poltrona ao set

É curioso como as cores do mundo real parecem muito mais reais quando são vistas no cinema.

Laranja Mecânica

O cinema é uma expressão artística e, por assim ser, intriga, questiona, deixa lacunas, explica, provoca. Em um filme, pode-se englobar todas as outras formas de expressões artísticas: a dramatização, a dança, a música, a fotografia, a arquitetura e a literatura. Contemplar o cinema é entender o mundo através da poesia em imagem. A sétima arte abarca um universo de significações, de desejos e de possibilidades. Todas as pessoas, estudiosas ou leigas, são capazes de conhecer o cinema porque o gênero apresenta uma imensa variação que, aqui, eu seria incapaz de sistematizar. O audiovisual tem muita força por conseguir adequar tantas vozes em uma, por isso, tanto cativa.

Além do lado artístico, a arte cinematográfica também pode expressar um trabalho político, histórico, social, filosófico. O filme conta histórias fazendo uso de todas as artes e é assim que se mostra capaz de provocar emoções em seu público.

Assistir a um filme é um trabalho que se realiza, em média, em duas horas e se estabelece, dentro desse tempo, uma entrega entre filme e espectador: o filme entrega perspectivas de mundo e o espectador entrega sua capacidade de aprender com essa perspectiva, ou de detestá-la, amá-la, chorar com ela, rir com ela, rir dela, de querer fazer parte dela. E como fazer parte? Como se faz cinema?

Para se fazer cinema precisa, primeiro, querer contar alguma história¹¹. Pronto. Já temos o argumento¹². Depois de estabelecer a história que será contada no filme, ou o enfoque, se escreve o roteiro. É a partir do roteiro que saberemos quem serão os personagens e atores (se houver), quais serão os lugares de gravação, o que será utilizado em termos da

¹¹ Ou não, porque às vezes o cinema não conta história.

¹² Em seguida, apresento um glossário do que entendo de linguagem cinematográfica e seus termos técnicos.

arte do filme (figurino, cenário, objetos de cena e maquiagem), quantos dias (diárias) a equipe precisará para gravar, qual será o orçamento necessário e quantas pessoas farão parte da equipe. Além do roteiro e das pessoas, precisa ter uma câmera, mas também pode ser a do celular. Depois disso, alguém da equipe precisa operar essa câmera, o que poderá ser feito pelo diretor de fotografia, ou um técnico. Outra pessoa irá dirigir o filme, interpretar o roteiro e trabalhar junto com toda a equipe coordenando a gravação: o diretor. Roteirista, diretor e diretor de fotografia (que podem até ser a mesma pessoa) já têm suas funções definidas. Depois do filme pronto, alguém precisará montar e editar. Essa função pode ser realizada em um programa chamado Movie Maker¹³, bem acessível e fácil de usar. Além dele, existem outros programas mais profissionais como o Final Cut¹⁴ e o Adobe Premier¹⁵, entre outros. A partir dessa lista de funções de uma equipe de cinema (roteiro, direção, edição), a paixão pela arte cinematográfica pode sair da poltrona e chegar ao set.

2.2 O cinema em sala de aula

A arte existe porque a vida não basta.

Millôr Fernandes

Há dois séculos o cinema apresenta, enaltece, cria, recria, explora, contextualiza e discute os acontecimentos da vida cotidiana e do mundo. A arte cinematográfica é didática em forma de consumo e pode incitar diálogo, inquietações e debates, dependendo do que se pretende atingir. Os filmes estão no mundo exibindo suas perspectivas e a sociedade não só compra essas perspectivas, como também não compra e as leva para outros âmbitos, outras formas de viver a arte cinematográfica. “As pessoas, hoje, vivenciam eventos históricos com a mesma excitação de quem vive cenas cinematográficas” (p. 10), afirma Martins (2015). Podemos perceber isso através até mesmo de algumas expressões da linguagem: “*beijo de cinema*”, “*história de cinema*”, “*trilha sonora de minha vida*”, “*cena de filme*”, entre tantas outras, são versões em que os sujeitos se imprimem como protagonistas de uma narrativa cinematográfica, expressando seus trajetórias e desejos comparados a um filme. Visto isso,

¹³ Disponível para download em: <https://www.microsoft.com/pt-br/store/p/movie-maker-free-video-editor/9nblggh4wwjr>. É possível que o programa tenha custos.

¹⁴ Disponível para download em: <https://www.apple.com/br/final-cut-pro/>. O recurso é oferecido apenas a produtos de marca Apple.

¹⁵ Disponível para download em: https://www.adobe.com/br/products/premiere.html?sdid=KQPPU&mv=search&s_kwcid=AL!3085!3!184661454644e!!g!!adobe%20premiere&ef_id=V9mVtgAABCNfIyQm:20171112025432:s. O programa não é gratuito.

percebe-se o quanto a sétima arte faz parte da vida e da sociedade e se faz parte de tudo o que vivemos, deve, portanto, fazer parte da sala de aula. De acordo com Oliveira (2007), “todos os filmes são históricos, tanto no sentido de refletirem o olhar de uma sociedade ou um grupo de uma determinada época, como no sentido de serem agentes históricos, ou seja, elementos formadores do imaginário social” (p. 8). Conforme Cortês e Gerbase (2010), “é um meio de comunicação por demais conhecido e apreciado pelos envolvidos – professores e alunos costumam assistir frequentemente a filmes de todos os tipos, seja pelo saudável e constante hábito de ir ao cinema, seja pelo acomodado conforto de poder acessá-los na onipresente TV” (p. 62). Cortês e Gerbase discorrem sobre o cinema como gênero de consumo por professores e alunos e, além das situações ilustradas por eles, me pergunto se o cinema é apenas um hábito “saudável” ou “acomodado” e de que forma a arte cinematográfica está presente na vida dos sujeitos que a visitam, seja no próprio cinema, na poltrona, na rua, em intervenções artísticas, dentre outros muitos outros lugares e situações – até mesmo a sala de aula. Tendo isso em vista, percebemos que filmes são gênero de consumo nas diferentes esferas da sociedade. É possível que, quanto mais se veja filmes, mais se aproprie e se entenda, sendo assim, uma possível ferramenta de análise e estudo. Em geral, o cinema é abordado como ferramenta didática na modalidade de texto multimodal, uma eloquente forma de estudo que apresenta linguagem verbal, visual, artística, musical, e tudo que compõe a sétima arte.

A sala de aula deve ser um espaço para apresentação, análise e discussão das diferentes formas de expressão de arte. Em tempos de *smartphone*, acessos rápidos à informação, *youtubers* e tantas tecnologias contemporâneas que promovem a divulgação e o consumo de produções audiovisuais e multimodais, o assunto acaba fazendo parte da vida dos alunos e aproveitá-los em sala de aula pode contribuir para um ensino mais de acordo com o que acontece no mundo, porque a sala de aula é um espaço que o estudante tem para aprender, discutir e aprender a discutir o que acontece no mundo.

3. GLOSSÁRIO DE LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

O cinema, ao invés de obedecer as leis do mundo exterior, obedece as da mente.

Ismail Xavier

Neste capítulo, elaboro um glossário com alguns termos técnicos do audiovisual e do cinema. Meu objetivo, aqui, é apresentar as palavras que aparecerão neste trabalho e que são usadas dentro desses gêneros, além de ajudar os professores que pretendem realizar algo semelhante em suas aulas. Esclareço que esse glossário é uma sistematização minha¹⁶, com base em textos teóricos e algum conhecimento empírico sobre o assunto.

Indico, como sugestão de atividade, que o professor organize um glossário com a própria turma, no qual os alunos possam inserir seus conhecimentos, construindo e sistematizando coletivamente o aprendizado e se apropriando um pouco mais do gênero e da técnica. Em minha experiência como professora no curso de Prática Cinematográfica, tentei elaborar essa atividade com os alunos, pedindo que inserissem suas percepções a respeito dos termos que aprendiam em uma pasta *online* no *Google Drive*. Porém, os alunos não contribuíram com a atividade. Acredito que fazer isso em sala de aula possa gerar maior participação.

Argumento - O argumento começa com a ideia principal do filme. A partir dessa ideia, se escreve o primeiro registro. Segundo Gerbase (2017),

O argumento tem duas qualidades que o diferenciam da ideia: está no papel (ou num arquivo de texto no computador) e tem começo, meio e fim. Você pode escrever muitas coisas a partir da ideia, mas um verdadeiro argumento precisa incluir uma espécie de resumo da história. (GERBASE, 2017, p. 164)

Se trata de um texto que apresenta a ideia, a história e tudo que faz parte dela: personagens (se houver) narrativa (o que acontece e porquê), cenários, sentimentos e emoções. Com base no argumento, o *roteiro* é escrito.

Cena - Conforme Gerbase (2017) é o conjunto de planos que acontecem no mesmo lugar (contexto físico ou virtual). Sempre que a ação muda de lugar, troca a cena. Segundo Aumont (2003) é um segmento que mostra uma ação unitária e totalmente contínua, sem eclipse nem salto de um plano ao outro. Em outras palavras, cena é uma unidade narrativa composta por um conjunto de ações em um determinado tempo e espaço que carrega um significado à obra.

¹⁶ Agradeço ao meu colega Daniel Moraes pela revisão deste capítulo, sugestões para escrita e por todos os conhecimentos com ele aprendidos e compartilhados sobre cinema.

Corte – Transição de um plano para outro.

Decupagem - A palavra provém do francês, do verbo *decouper* - recortar. No cinema, *decupagem* é o ato de dividir o roteiro por cenas antes de começar a gravar. Essa divisão normalmente é feita pensando em cenas, posições de câmera, locação, a fim facilitar o processo de gravação, possibilitando que mais cenas sejam gravadas em menos tempo. Para gravar, não é necessário seguir a ordem do roteiro. Portanto, antes desse processo, se realiza a decupagem, oportunizando uma seleção de ordem prática para as cenas serem gravadas.

Diária - Um dia de gravação. A diária de gravação diz respeito ao dia, horário e local onde a equipe filmará em um dia. O tempo pode variar de acordo com a dificuldade da cena, organização da equipe e desempenho dos atores. Em uma diária se pode gravar uma ou mais cenas, mas normalmente são gravadas mais de uma cena, por questões de orçamento.

Direção - De acordo com Gerbase (2017):

É a turma encarregada de tornar o filme bom. Ou ótimo. Ou excepcional. Uma obra de arte! (...) A direção tem a tarefa de fazer aquela mágica, aquele encantamento (...), de modo que o filme provoque risos, ou lágrimas, ou que pelo menos seja acompanhado com interesse até o fim. (...)

A direção coordena o set e responde a todas as perguntas feitas sobre o filme. Nada pode escapar ao seu olhar crítico e implacável.

Ela decide onde vai ficar a câmera em cada enquadramento e quanto tempo o plano deve durar. Ensaia os atores e é corresponsável pela qualidade de suas interpretações. Conversa com toda a equipe e supervisiona todos os detalhes da fotografia, dos cenários, dos figurinos, da maquiagem e, mais tarde, da montagem do filme.

(GERBASE, 2017, p. 47)

Dentre as definições que a palavra *direção* carrega, destaco aqui a função de coordenar (quase) todas as atividades de um filme, de acordo com interpretações, desejos e características próprias de quem a realiza.

Edição - Também faz parte do processo de montagem. A edição é dedicada a inserção de sons, legendas, efeitos e ajustes, depois que o filme já passou pela montagem e já configura como projeto de filme.

Enquadramento - Envolve planos e ângulos e é, em suma, a maneira pela qual o espectador verá a cena. Gerbase (2017) destaca que enquadrar é decidir o que faz parte do filme em cada momento de sua realização.

Foley - A nomenclatura é uma homenagem a Jack Foley, quem criou os primeiros efeitos sonoros para filmes. Se trata de sons produzidos para alguns momentos específicos do filme. Por exemplo, quando a cena explora uma briga, os sons dos golpes são foley,

produzidos de acordo com os efeitos que cena quer mostrar e os movimentos dos atores. É inviável captar todos os sons do set de filmagem. Para isso, a equipe precisaria de microfones em cada passo dos atores. Por conta disso, os sons são produzidos e reproduzidos em um estúdio. Atualmente, existe a possibilidade de encontrar *foleys* na internet. Há também os sons hiper-reais, caracterizados por não soar assim na vida real, mas se comportar melhor no filme. Exemplo: o som do sabre de luz em *Star Wars*.

Fotografia - É, em poucas palavras, a filmagem. O diretor de fotografia deve ter o roteiro como base para filmar e escolher como irá adaptar a cena escrita para a imagem em movimento. Para tal, o fotógrafo deve usar artifícios de enquadramentos e luzes para melhor transmitir a narrativa do filme. Aqui pode-se valer de técnicas e sensibilidade, de tudo o que for necessário para a captação das cenas e transformação da história em papel para a história dramatizada.

Gêneros - Classificação dos tipos de filmes: longa metragem, curta metragem, documentário, etc.

Montagem - Segundo Martin (2003):

(...) a montagem é criadora do movimento em sentido lato, ou seja, da animação e da aparência da vida, sendo esta, exatamente de acordo com a etimologia, a função primeira, e esteticamente, do cinematógrafo: cada uma das imagens de um filme mostra um aspecto estático dos seres e das coisas, e é sua sucessão que recria o movimento e a vida. (MARTIN, 2003, p. 143)

Quando todo o filme já foi gravado, se inicia a montagem. Ela pode ser feita utilizando um dos programas de edição de vídeo que mencionei no capítulo, ou outras ferramentas¹⁷ que proporcionem essa função. Em suma, o montador olha para o roteiro e seleciona os arquivos com as gravações de modo que todos esses pequenos arquivos se tornem um filme completo, definindo o tom e a velocidade do filme.

Planos - De acordo com Martin (2003):

Tecnicamente falando e do ponto de vista da filmagem, consiste no fragmento de película impressionado desde que o motor da câmera é acionado até que tenha parado; - do ponto de vista do montador, o pedaço de filme entre dois cortes de tesoura e, depois, entre duas *emendas*; e - finalmente, do ponto de vista do espectador (o único que nos interessa aqui), o pedaço de filme entre duas ligações. (p. 143)

Os planos podem ser uma parte do filme, na perspectiva da montagem, bem como o modo como determinada cena será gravada. Segundo Gerbase (2017)

¹⁷ Como por exemplo, a moviola, quando os filmes são feitos em película.

é uma das palavras mais comuns e escorregadias do cinema. Além de ser uma noção da estrutura do filme, ele também é o principal componente do enquadramento. Basicamente, poderíamos dizer que escolher o plano é determinar qual é a distância entre câmera e objeto que está sendo filmado, levando em consideração o tipo de lente que está sendo usado. (GERBASE, 2017, p. 95)

Produção - A produção é uma das funções de uma equipe de cinema. Em termos gerais, os produtores são as pessoas que cuidam das coisas e das pessoas que irão compor o filme. Os produtores também são responsáveis por divulgar o filme depois de pronto.

Set - Lugar onde o filme é gravado. Independente do cenário, o local de gravação sempre se chamará *set*.

Sinopse - Gênero textual que expressa um breve resumo do filme. A sinopse técnica apresenta um resumo geral do filme e circula mais entre críticos, patrocinadores, festivais e pessoas ligadas à área do cinema. A sinopse comercial geralmente aparece como descrição de um filme em DVD, em cartaz no cinema, em anúncios em geral. Esta circula entre o público consumidor dos filmes.

Som - Som é tudo aquilo que envolve barulho durante a gravação. As falas dos atores, a freada de um carro, o latido de um cachorro, o ranger de uma porta, entre muitos outros exemplos que a mente lembra e cria, fazem parte do som desde que façam parte dos barulhos e ruídos de uma cena.

Subgêneros - São as classificações que um filme recebe conforme sua abordagem. Aventura, ação, comédia, drama, romance, suspense, terror, entre tantos outros exemplos são subgêneros que classificam os filmes. Um filme pode (e normalmente é) se adequar a mais de um subgênero.

Storyboard – O filme em quadrinhos. O storyboard é um gênero que ilustra os planos que serão usados durante a filmagem. Ele é feito após a decupagem.

Storyline - Resumo do filme - ou da sinopse - em duas ou três frases.

Teste (Casting) - Seleção que os produtores de elenco realizam com os atores. A seleção pode variar conforme o papel dos personagens. Os atores selecionados através do teste passam a fazer parte do elenco do filme.

Tomada (Take) - De acordo com Gerbase (2017), “é tudo que a câmera registra, desde o momento em que é ligada até o momento em que é desligada. É uma noção de filmagem. Um mesmo plano pode ser filmado várias vezes, gerando, assim, várias tomadas” (p. 94).

Trilha sonora - São as músicas e canções¹⁸ que compõem o filme.

Tendo sido os termos e conceitos do cinema compartilhados, agora passemos ao capítulo seguinte, no qual exponho um relato das práticas de sala de aulas vivenciadas no curso Prática Cinematográfica 2017/1.

¹⁸ Tatit (1994) defende que canção é letra e melodia. Música é o que não tem a voz humana, mas tem melodia. Entendo que ambas compõem um filme e fazem parte da narrativa.

4. O CURSO PRÁTICA CINEMATOGRAFICA

*Num filme o que importa não é a realidade,
mas o que dela possa extrair a imaginação.*

Charles Chaplin

Neste capítulo, conforme explicitarei anteriormente, relato e reflito sobre as atividades desenvolvidas durante o primeiro semestre de 2017 no curso *Prática Cinematográfica*, um curso que aborda o ensino de cinema em aula de PLA. Valorizando a interdisciplinaridade, o curso foi organizado, como vários outros cursos do PPE¹⁹, para que os alunos consigam, ao final, produzir coletivamente algum produto autoral em português – neste caso, um filme curta-metragem²⁰–, promovendo, assim, o ensino das múltiplas linguagens e textos que o cinema envolve.

Na referida edição, eu fui professora titular do curso e, em algumas aulas convidei outros dois professores que, ao longo do curso ministraram, junto comigo, aulas dedicadas à parte mais técnica relacionada a cinema. O curso teve como carga horária total 45h, divididas em 16 aulas presenciais, sendo que as várias atividades extraclasse, que descreverei mais adiante, não foram computadas nas horas aulas do curso. As aulas foram realizadas às quartas-feiras, das 13:30 às 16:30, em salas de aula do Instituto de Letras da UFRGS, localizado no Campus do Vale (algumas salas eram laboratórios de informática, outras eram sala comuns com cadeiras, mesas e quadro), sendo que, durante as gravações, os alunos usaram outros espaços do campus e também suas casas em uma diária de gravação.

Compunham a turma quinze alunos de cinco diferentes países e quatro diferentes idiomas: Austrália, China, Cuba, Haiti e Honduras, respectivamente falantes de inglês, mandarim, espanhol e francês. Os alunos chineses eram estudantes da Universidade de Comunicações da China (UCC) e já estavam no Brasil havia um semestre; todos pareciam ser muito amigos – normalmente faziam suas atividades em grupo, dentro e fora da sala de aula. Os falantes de espanhol estavam no PPE por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)²¹ e haviam chegado no Brasil naquele semestre. Os demais alunos moravam no Brasil havia mais de um ano. Os estudantes apresentavam diferentes níveis de proficiência em português brasileiro, conforme esperado para esse curso: Português para

¹⁹ Por exemplo, *Prática do Discurso Oral* (ver Neves, 2012), *Prática Teatral* (ver Conceição, 2011).

²⁰ O gênero curta-metragem foi mais trabalhado do que outros, ao longo do curso, uma vez que melhor se encaixa na as aulas devido ao tempo de duração e também por ser o gênero que os alunos produziram como produto final.

²¹ O PEC-G oferece a estudantes de países em desenvolvimento que possuem acordo de cooperação com o Brasil o curso de português e, ao realizar a prova do exame Celpe-Bras, conseguindo atingir nível Intermediário em português, ganham um curso de graduação no Brasil, a sua escolha.

Falantes de Espanhol, Intermediário I, Intermediário II e Avançado. O curso foi desenhado para aceitar alunos com esses diferentes níveis de proficiência para explorar diferentes abordagens de ensino de PLA. Além disso, grande parte das atividades das aulas foram realizadas em grupos, o que possibilitou a troca de conhecimento e possíveis ajudas a quem precisou.

O currículo que criamos para essa edição do curso²² incluía as seguintes etapas: introdução à história do cinema; exibição e análise de filmes (curtas-metragens, trechos de longas-metragens – documentário e ficção); estudo dos gêneros documentário e ficção; estudo e produção de gêneros do discurso que compõem a linguagem cinematográfica (roteiro, sinopse, *storyboard* e cartaz) escritos e reescritos em português; noções de planos e enquadramento; apropriação da linguagem usada em roteiros, estudo da pronúncia e preparação linguística e corporal para gravar; gravação de dois curtas-metragens; capacitação para realizar a montagem e a edição dos filmes e, por fim, a exibição dos filmes e debate entre os produtores (os alunos do curso Prática Cinematográfica) e os espectadores (os demais estudantes do PPE e da UFRGS que faziam parte da plateia, na ocasião) na Feira Cultural do PPE, evento que ocorre semestralmente desde 2013, no qual os alunos expõem seus trabalhos e produções realizados ao longo do semestre. Geralmente, essa atividade é realizada junto com outros estudantes e professores do curso e da comunidade acadêmica. Apresento, na Figura 1 a seguir, o cronograma de atividades do curso conforme apresentado aos alunos.

Figura 1: Cronograma do curso Prática Cinematográfica 2017/1

²² Em 2017/1 foi realizada a segunda edição do curso. A primeira edição foi ministrada pela professora Laura Moreira, do PPE, e pelo professor Felipe Diniz, do cinema, em 2016/2. O currículo do curso Prática Cinematográfica 2017/1 foi inspirado no do semestre anterior.



PRÁTICA CINEMATOGRAFICA

Professora - Mariana Bulegon

Mínimo 75% de frequência.
Quartas-feiras, de 13:30 às 16:30.

CRONOGRAMA 2017/1

- AULA 1 (22/03) - Introdução/ História do Cinema/ Introdução à linguagem cinematográfica
- AULA 2 (29/03) - Documentário X Ficção/ Sub-gêneros
- AULA 3 (05/04) - Funções da equipe do cinema
- AULA 4 (12/04) - Roteiro: introdução e formatação / Storyline, sinopse e argumento
- AULA 5 (19/04) - Roteiro: estrutura, arco narrativo e jornada do herói/ Entrega da produção escrita 1
- AULA 6 (26/04) - Direção: planos e decupagem
- AULA 7 (03/05) - Montagem / Som / Trilha musical / Entrega da produção escrita 2
- AULA 8 (10/05) - Escrita coletiva do roteiro 1/ Divisão das Funções da Equipe
- AULA 9 (17/05) - Escrita coletiva do roteiro 2 Pré-produção / Ajustes para iniciar as gravações/ Gravação ou ensaio
- AULA 10 (24/05) - - AULA CANCELADA: CELPE-BRAS
- AULA 11 (31/05) - Gravação 1
- AULA 12 (07/06) - Gravação 2
- AULA 13 (14/06) - Gravação 3
- AULA 14 (21/06) - Edição 1
- AULA 15 (28/06) - Edição 2
- AULA 16 (05/07) - Exibição do filme

Na seção seguinte, apresento e discuto o relato de minhas práticas em sala de aula no curso Prática Cinematográfica 2017/1, explorando em maiores detalhes a realização do cronograma acima.

4.1 Relato das aulas

Escrevo este relato buscando mostrar o que foi feito em cada aula em termos de abordagem e produção. Durante o curso, busquei sempre seguir o planejamento - ilustrado no currículo acima. No decorrer das aulas, ocorreram algumas alterações e modificações devido a fatores que exponho nesse relato.

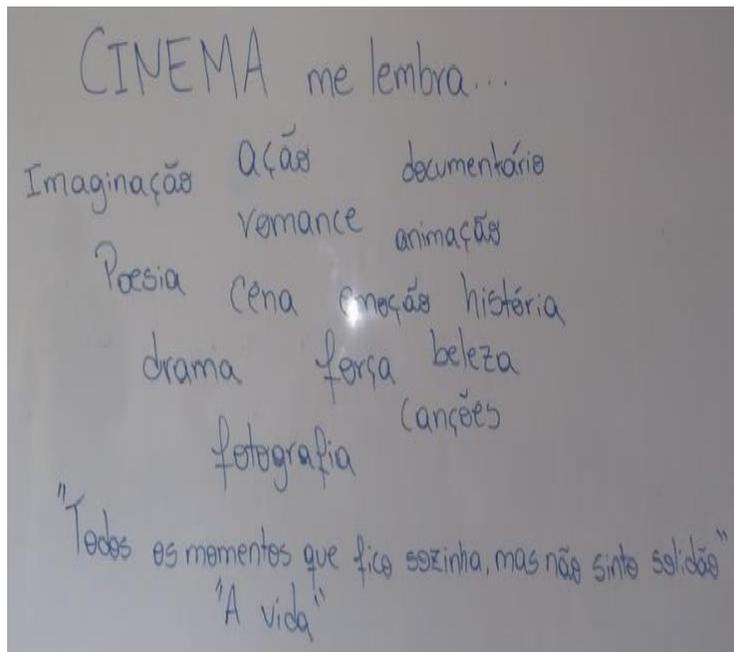
Esclareço que, esse subcapítulo é a minha perspectiva e análise das aulas, as quais registrei em meu diário de classe ao longo do semestre. Este relato é um registro do que foi

elaborado e realizado no curso em 2017/1, outras possibilidades podem surgir a partir dos resultados registrados até aqui. E espero que surjam!

Aula 01: A primeira aula iniciou com uma apresentação pessoal, orientada por perguntas motivadoras. As perguntas estavam escritas no quadro: nome, país de origem, profissão e hobby. Eu e o outro professor começamos e, logo após, os alunos deram seguimento à atividade, por ordem de lugar, já que os alunos estavam dispostos em uma meia lua. Essa apresentação foi feita para dar início à aproximação da turma e dos professores, que iriam conviver e aprender juntos durante um semestre. Ao passo que os alunos iam respondendo, eu ia entregando papéis com duas perguntas para responder: “filme preferido” e “filme brasileiro” e cada aluno deveria escrever no papel o seu filme preferido e o filme brasileiro que viu e mais gostou. Essa tarefa tinha como objetivo incitar o aluno a mostrar seu conhecimento e gosto pessoal sobre cinema de modo geral e também sobre o que conhecia, até então, do cinema brasileiro. Também tinha por objetivo fazer com que o aluno resgatasse sua memória sobre cinema, buscando a aproximação do cinema para a sala de aula, naquele momento. Posteriormente, essa tarefa serviu como forma de diagnóstico para que os professores pudessem conhecer melhor os alunos através de seus gostos pessoais e apropriação com o tema.

Em seguida, realizamos uma atividade de *brainstorm* para finalizar o momento de introdução ao tema do curso e apresentações pessoais: escrevemos no quadro a palavra cinema e orientamos que cada aluno dissesse o que pensava e sentia ao ler e ouvir a palavra cinema. A ideia principal que tivemos ao realizar essa dinâmica era de conhecer os alunos através de uma atividade que buscava 1) perceber o conhecimento dos alunos acerca do eixo principal do curso; 2) conceber um pouco da noção de vocabulário, em português, que a turma aportava; 3) conhecer os gostos pessoais e capacidade de expressão da turma a partir dessas inserções sobre cinema. O resultado da atividade ficou no quadro conforme a foto que ilustro a seguir:

Figura 2: Cinema me lembra...



Entre “força”, “beleza”, “a vida”, “imaginação”, “todas os momentos que fico sozinha, mas não sinto solidão”, me ocorre questionar a trajetória e relação dessas pessoas com o cinema. Não pude, em todas as aulas, explorar todas as questões, inquietações e dúvidas que me ocorreram. Muitas vezes, me cobrei em relação ao que os alunos esperavam da disciplina e de mim, apagando minhas próprias ideias e vontades. Era minha primeira experiência presencial em aula de PLA, muito me questionei e me senti questionada em relação à minha própria prática. Ao ler meu diário de classe e escrever esse relato, busquei refletir para permitir novas possibilidades que me ocorressem, permitir que meus desejos e inquietações fossem explorados em outras oportunidades. Na foto, as palavras expressam desejos, paixões, buscas, inquietações. Talvez, a primeira aula pudesse acontecer somente aproveitando o resultado dessa dinâmica, mas, na ocasião, segui o planejamento. Esse resultado nos mostrou que os alunos daquela turma pareciam não haver escolhido o curso apenas para cumprir determinada carga horária. Os alunos pareciam gostar e entender cinema. Pude concluir, com isso, que o cinema fazia parte da vida dos alunos e, assim, também percebi que eles já tinham um incentivo inicial e vontade para estarem naquela turma.

Após o momento de apresentação dos professores e alunos, passamos a apresentar o curso. Lemos o cronograma junto com eles e, durante a leitura, uma aluna perguntou se o curso seria igual ao do semestre anterior. Mostramos a ela que não seria igual, mas que nos baseamos no currículo e material de 2016.2 para planejar aquela edição do curso. De fato, não teria problema se fosse igual, já que a oferta do curso não explicitava uma continuidade (não

se tratava de Prática Cinematográfica 2, por exemplo). Com isso, podemos perceber a vontade da aluna, que já cursou Prática Cinematográfica uma vez, de aprender coisas novas, de ir além em seus conhecimentos e explorar novas possibilidades dentro do gênero.

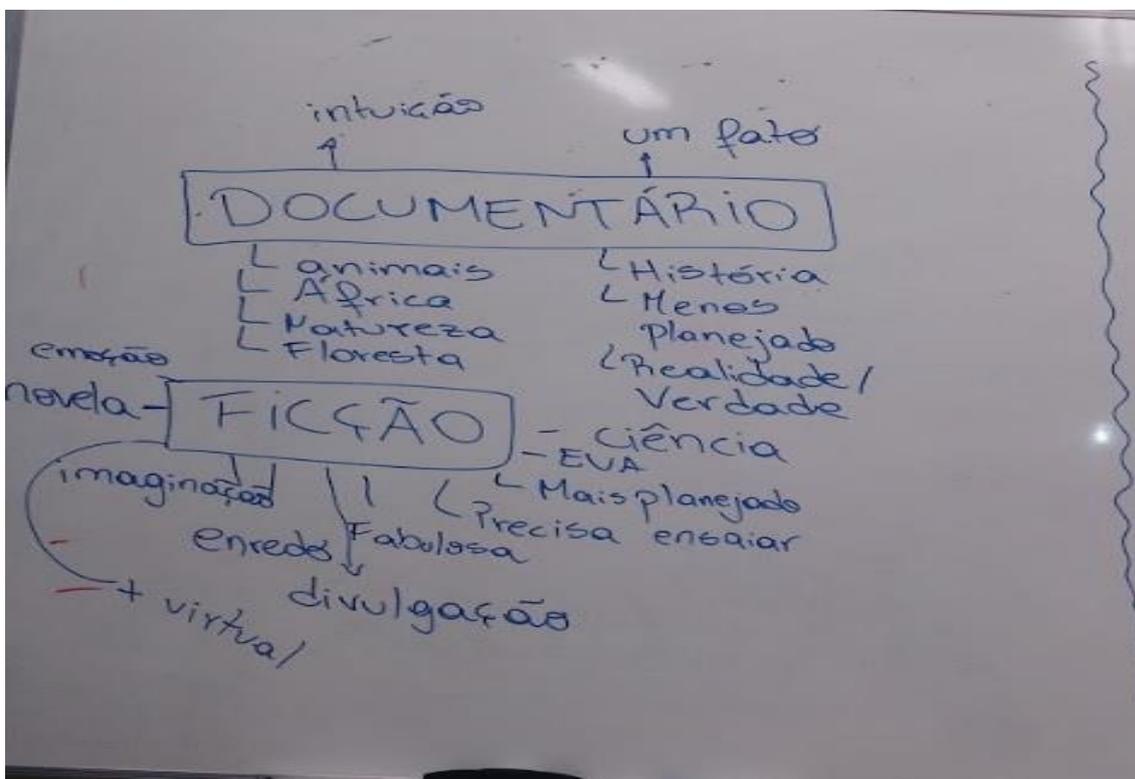
Após a leitura do cronograma e esclarecimentos a respeito da carga horária, frequência e avaliação, passamos para uma tarefa de leitura de um texto sobre a história do cinema. O texto-base era um breve resumo da história do cinema e apresentava de forma clara as informações principais dentro de sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Dividimos o texto-base em parágrafos, a fim de explorar os conhecimentos dos alunos sobre compreensão escrita e do gênero *texto de informação* e pedimos que eles montassem o texto na ordem correta. A tarefa não demorou muito a ser concluída por eles, e, com o texto-base já na ordem correta, realizamos a leitura em voz alta do texto, por demanda dos alunos; alguns se dispuseram a ler, outros escutaram e acompanharam a leitura silenciosamente. Após a leitura, realizamos uma atividade de linha do tempo. No quadro, desenhei uma linha e pedi que os alunos inserissem as datas importantes das principais informações da história do cinema que encontraram no texto-base. Essa atividade explorou 1) leitura silenciosa e leitura em voz alta; 2) compreensão de texto; 3) conhecimento básico sobre história do cinema; 4) vocabulário pertinente ao gênero cinema.

A segunda parte dessa aula, que começou depois do intervalo, contou com a exibição de filmes clássicos e importantes para a história do cinema. *A saída dos operários da fábrica Lumière, em Lyon* (1895), dos Irmãos Luimière e *Viagem à lua* (1902), de Geroges Méliès, são filmes que aparecem no texto que lemos no início da aula sobre a história do cinema como exemplos dos primeiros registros cinematográficos. Para entender visualmente como esses registros eram feitos, exibimos os filmes. Durante a exibição, pudemos perceber que os alunos estavam se divertindo, principalmente com o filme *Viagem à lua*. Os estudantes relataram que nunca haviam visto aquelas produções. Considero que a exibição dos filmes foi relevante para ilustrar o que havia sido abordado no texto-base que abordou a história do cinema e também para conhecimento e repertório dos estudantes que, a partir desse dia, passariam a viver cinema dentro da sala de aula. A reação dos alunos, ao rir vendo a ficção científica de Méliès, relacionei a um pensamento pós-moderno, consumidor de filmes produzidos na era digital, mas, ao mesmo tempo, os sorrisos e as expressões felizes demonstraram que os alunos possivelmente se sentiram bem ao ver o filme que, ainda que antigo, dá origem a muitas coisas que hoje podem ser produzidas. A aula foi finalizada com a exibição do filme produzido pelos alunos do Prática Cinematográfica do semestre anterior,

para que os estudantes passassem a pensar no que poderiam produzir naquele semestre e como é possível produzir um curta-metragem dentro desse tempo.

Aula 02: A aula se chamou, no cronograma, Documentário x Ficção. Essa aula foi aproveitada do currículo do semestre anterior. Além desse foco, os subgêneros cinematográficos também foram assuntos da aula. Eu e um dos colegas do cinema sistematizamos os gêneros - Documentário e Ficção – por meio de uma palestra, expositiva, feita pelo colega. Após isso, escrevemos no quadro as palavras “documentário” e “ficção” e pedimos que os alunos falassem o que entendiam sobre cada uma delas. A imagem abaixo ilustra o resultado da atividade de *brainstorm* que orientou a sistematização dos alunos sobre os gêneros.

Figura 3: Documentário x Ficção



É possível observar que os alunos entendem que documentário é um gênero que trata da realidade, que elabora um relato verídico sobre algo ou alguém. Já o gênero ficção, segundo o resultado exposto na Figura 3, é “mais planejado”, relacionado à imaginação, tem “enredo” – o que pode ser entendido por roteiro, que ambos têm. Essa caracterização é bem possível de ser, porém, não é a única possibilidade de exploração dos gêneros. Segundo Coelho e Costa (2015):

Essas duas formas de narrar, ainda que não divergentes e tampouco bem delimitadas, permanecem bem discerníveis no senso comum. Quando se entra em uma sala de exibição, em geral sabe-se se o que se está indo assistir é um filme de ficção – a grande maioria, ainda hoje – ou um documentário. No entanto, podemos observar uma tendência, por parte dos cineastas, de propor misturas ou aproximações dessas duas linguagens, quebrando prerrogativas de algo puro. Muito já se falou da absorção, tanto pela TV quanto pelo cinema de ficção, de recursos como a câmera na mão, que por muito tempo permaneceram atreladas ao gênero documental. (COELHO e COSTA, 2015, p. 2)

A discussão sobre documentário x ficção, para mim, explora uma dicotomia que, talvez, não se sustente. A partir dessa definição, podemos perceber que os gêneros documentário e ficção se assemelham em alguns aspectos e que, muitas vezes, os diretores se valem de técnicas de um ou de outro gênero para compor o filme. Consideramos que nossos alunos poderiam ter um conhecimento prévio leigo sobre o assunto e, a partir disso, planejamos a aula pensando em sistematizar, ainda que superficial e humildemente, os gêneros em foco, discutindo algumas de suas possibilidades e percepções que, como sabemos, são infinitas.

Após essa sistematização, passamos a explicar os subgêneros. Para isso realizamos uma atividade com os papéis escritos pelos alunos na última aula, que continham as respostas sobre o filme favorito e o filme brasileiro de cada um. A atividade foi realizada do seguinte modo: primeiro, escrevemos no quadro todos os principais subgêneros cinematográficos, colocamos todos os papéis com as repostas dos alunos dentro de um recipiente, cada aluno retirava um papel, lia em voz alta o conteúdo – título do filme favorito e título do filme brasileiro – e tentava relacionar um dos títulos a um subgênero escrito no quadro. Ao passo que essa atividade acontecia, os alunos foram percebendo que, às vezes, os filmes poderiam pertencer a mais de um subgênero. Eu explico que sim, que é possível e inclusive muito comum. Dou o exemplo de *Senhor dos Anéis*, que pode ser entendido por filme de ação, aventura, fantasia, filme épico, entre outras possibilidades.

Nossa pretensão não era sistematizar todos os subgêneros (ou gêneros) cinematográficos. Essa discussão seria muito longa e nossa intenção era mesmo usar exemplos do saber comum dos alunos para que eles conseguissem identificar e entender os subgêneros mais clássicos e comuns do cinema, em português. De acordo com Nogueira (2010) os gêneros cinematográficos são um campo amplo e diverso. Além disso, essa é uma discussão que pode percorrer o campo da interpretação, imaginação e das percepções particulares de cada um, o que, como podemos ver, foi explorado nessa aula. De acordo com Nogueira (2010), “a questão dos gêneros detém na história dos estudos artísticos uma preponderância bastante grande, em especial na literatura, mas também na pintura,

constituindo uma tradição vasta e rica, sempre inesgotável” (NOGUEIRA, 2010, p. 2). Não obstante, os subgêneros cinematográficos também aportam diversos significados, tradições e representações também inesgotáveis. Por isso, o objetivo dessa aula era apenas ensinar os subgêneros mais comuns e clássicos em português, para sua compreensão e uso.

Para ilustrar um filme documentário, optamos por *Essa não é a sua vida* (1991), de Jorge Furtado. A prática de exibir filmes em aula de PLA requer cuidado na hora da seleção, em relação a compreensão oral. Esse filme foi exibido sem legendas, o que causou rechaço em toda a turma. Sugiro que a exibição de qualquer filme, para qualquer nível, seja feita, pelo menos uma vez, se necessário, com legendas em português. Entendo que, dessa forma, o aluno consegue captar som e grafia, além de perceber variação, usos e expressões que ainda não conhecem nos diálogos. Um filme sempre imprime um recorte da cultura que quer expressar. Ver filmes brasileiros em aula de PLA é uma oportunidade rica de enriquecer o vocabulário e (re)conhecer usos e até mesmo variações linguísticas. O diálogo, atrelado à imagem, promove uma compreensão mais completa do todo. O rechaço da turma ao filme, por não compreender o que a personagem dizia, mostra que os alunos queriam entender além da imagem, que, nesse caso, se tratava de um plano em que uma mulher contava alguma história.

Para ilustrar ficção, *Os amigos bizarros de Ricardinho* (2009), de Augusto Canani, foi a nossa escolha. Optamos por esse filme por ser um curta-metragem, gaúcho e por ter uma narrativa relativamente fácil de compreender. O curta não foi exibido com legenda e, embora os alunos nos mostrassem ter entendido – ao rir do que, de fato, tinha graça no filme – percebo que as legendas poderiam auxiliar a compreensão oral de palavras e expressões que podem ter passado despercebidas durante a exibição. Ao ver um filme, o espectador tem muitos conteúdos para tentar dar conta durante a prática. Ao ver um filme em outro idioma – e, principalmente, um idioma que se está aprendendo, o foco pode ainda variar, mas a língua não deve ser o empecilho, e sim o suporte para o entendimento da narrativa.

Aula 3: A aula três foi dedicada a gêneros híbridos e funções de uma equipe de cinema. A partir da ideia que surgiu na aula anterior, de que documentário era realidade e ficção era invenção, optamos por apresentar filmes híbridos, sem assim os classifica-los antes de sua exibição. Os filmes exibidos nessa aula contavam com legendas em português, o que ajudou muito a compreensão do conteúdo. Para essa aula levamos dois filmes: *Recife Frio* e *Ilha das Flores*. No primeiro, uma narração é feita em quase todo filme, em outro idioma - espanhol, com legendas em Português, mas ainda assim pedimos que alunos de nível

Avançado e Intermediário II ajudassem os colegas do Intermediário I, durante o filme, dispondo-os sentados em duplas.

Iniciamos a aula fazendo um *brainstorm* com a palavra *Recife*, antes de exibir *Recife Frio*. Um aluno chinês contou que já havia ido a Recife. Os demais alunos já sabiam que Recife se situa no nordeste do Brasil, que é uma cidade muito turística, com praias bonitas. Após esse levantamento, realizamos uma atividade de leitura de uma reportagem que tratava das ilhas de calor no Recife²³, com perguntas de leitura e reflexão linguística sobre o texto-base. Com isso, se explorou a leitura do gênero reportagem, o conhecimento prévio dos alunos sobre uma cidade turística brasileira, discussão sobre problemas ambientais que provocam calor no Recife, reflexão linguística dentro do tema ilhas de calor no Recife. Após isso, exibimos o filme.

Os alunos pareciam muito espantados com o resultado que o documentário apresentava. Os alunos entenderam previamente que faz calor no Recife, que tem praias bonitas e que a cidade é conhecida por suas belezas naturais, que de tão bela conquista a muitos turistas. *Recife Frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho, mostra uma cidade devastada por um inverno surpreendente. Os alunos compraram a ideia do filme, já que entenderam que “documentário é realidade”, sem mesmo perceber ou duvidar de alguns exageros do filme como a migração de pinguins argentinos para a capital pernambucana. Após a exibição do filme, contamos aos alunos que isso nunca aconteceu no Recife, que o filme é uma ficção explorada em formato documental. A turma, inicialmente, se agitou com a notícia e as perguntas começaram a surgir. Os alunos pareceram deixar de gostar do filme naquele momento, mas, com as discussões que abrimos, entenderam que a questão principal do filme vai além do que é ou não verdadeiro. Eles conseguiram conceber a ironia que foi utilizada pelo autor da obra para falar de verdades em um filme ficcional, como a relação do quarto da empregada com a senzala, levantada na discussão por um dos estudantes.

Seguimos, então, e assistimos *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado. Alguns já haviam assistido, outros não. A reação foi de espanto e tristeza ao ver a cena da comida. Ao terminar o filme, os alunos não queriam acreditar que o filme não era verdadeiro, mesmo se mostrando espantados e tristes. Passamos para a atividade de leitura de uma reportagem de jornal sobre o filme *Ilha das Flores*. Após a leitura, os alunos entenderam e comentaram, com isso, que o filme é um pouco dos dois - documentário e ficção – o filme é um híbrido.

²³ Adaptado de: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/cienciamambiente/noticia/2012/03/19/recife-e-suas-ilhas-de-calor-36221.php>.

Essas atividades com os dois filmes foram capazes de romper ideias fixas do que é um documentário, bem como a respeito de filmes de ficção. Para aprofundar a reflexão, fizemos um exercício de memória e, juntos, tentamos buscar em nosso acervo fílmico aqueles filmes de ficção que contam histórias verdadeiras, bibliografias, registros temporais e que relatam fatos verídicos em som e imagem em movimento. Com essas propostas de atividades, os alunos puderam fazer exercícios de compreensão oral e escrita e perceber as diferentes noções do que compõe um documentário e um filme de ficção. Esse entendimento foi importante para que os alunos entendessem um pouco da técnica, para a análise dos filmes que viram a partir desse dia e também para suas futuras produções cinematográficas.

A próxima atividade, funções de uma equipe de cinema, foi realizada em grupos. Nessa atividade os alunos leram um texto que indicava as funções de uma equipe e, após isso, três grupos se formaram - entre eles roteiro, direção e produção - para discutir as tarefas competentes a cada função.

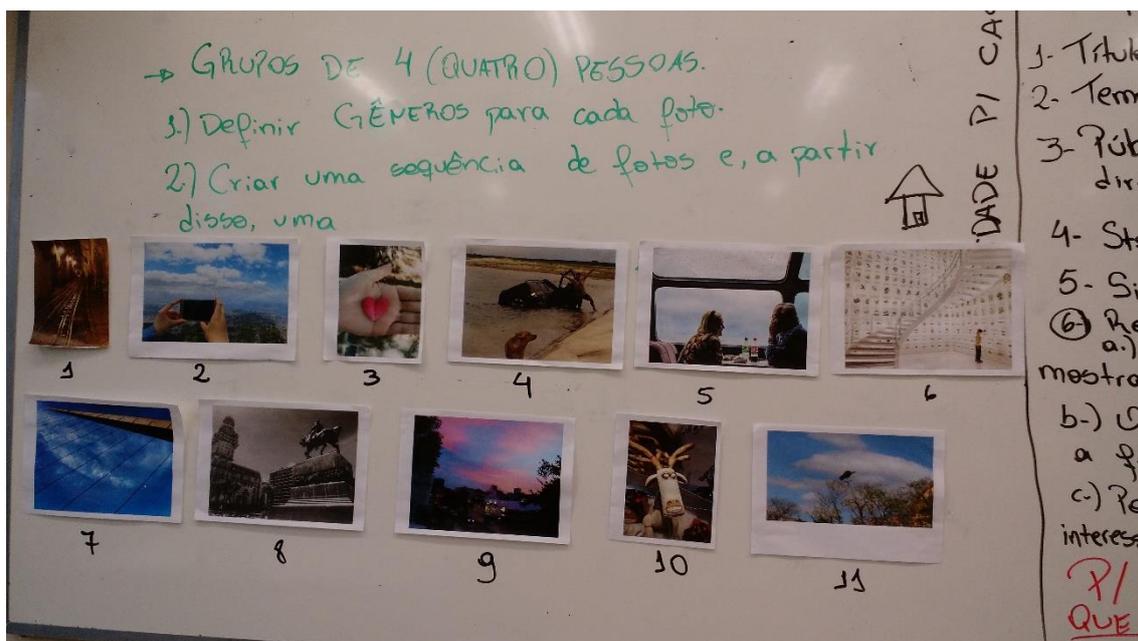
Aula 4: A aula quatro não seguiu um planejamento. Eu e Gabriela havíamos planejado, mas não foi seguido conforme o que idealizamos. O colega do cinema que participaria da aula nesse dia alterou o plano na madrugada e fez uma aula expositiva sobre roteiro durante toda a primeira parte da aula. Percebi, com isso, a dificuldade do trabalho docente com um parceiro não docente, bem como a importância do planejamento ser realizado em conjunto, o que não havia sido possível por questões de agenda do colega. A aula planejada pelo colega foi uma aula expositiva, uma palestra que não conquistou a atenção dos alunos.

Na segunda parte da aula, consegui implementar um pouco do que eu havia planejado, então a aula ficou um pouco mais movimentada. Os alunos assistiram a um filme de animação, *Oktapodi* (2007), sem falas, mas com trilha sonora. A partir disso, realizaram uma tarefa que solicitava a reescrita do que viram para outros gêneros do discurso: contar para uma criança, contar para um amigo e fazer uma propaganda. Essa atividade orientou a compreensão visual e a produção escrita, explorando outros gêneros do discurso e, além disso, também pode ser considerada uma preparação para a produção da sinopse e da *storyline*, que haviam sido ensinadas no início da aula, de forma expositiva.

Aula 5: A aula cinco, ainda dedicada a roteiro, contou com uma atividade visual, escrita e criativa. Os alunos levaram fotos autorais e, a partir disso, construíram uma primeira ideia de roteiro. Não foram discutidos os planos das imagens porque a ideia era mesmo escrever uma narrativa a partir do que eles já conheciam sobre roteiro. A atividade solicitava que os alunos 1) se dividissem em grupos de quatro pessoas; 2) definissem um gênero para

cada foto; 3) criassem uma sequência de fotos e, a partir disso, uma narrativa em forma de roteiro. Após isso, os alunos apresentaram os seus roteiros, mudando as fotos de lugar para que entendêssemos melhor as narrativas. Essa atividade propôs que os alunos criassem, escrevessem histórias e usassem o que conheciam do gênero roteiro e do idioma. A Figura 4, a seguir, ilustra as fotos trazidas pelos alunos²⁴, antes de serem um roteiro.

Figura 4: Primeiro roteiro



Eu havia solicitado que todas as fotos fossem autorais, e acredito que a maioria realmente seja. Essa foi a disposição inicial das fotos. A partir da narrativa criada pelos alunos, elas mudaram de lugar para ilustrar um pouco como seria cada filme.

Aula 6: A aula seis foi planejada para discutir direção, trilha sonora, planos e decupagem. Para essa aula, convidei um outro professor para dividi-la comigo, que iniciou as atividades com a exibição dos filmes *Batman* (1989), de Tim Burton e *Batman: o cavaleiro das trevas* (2008), de Christopher Nolan. Os filmes são clássicos conhecidos pelos estudantes. O professor começou a abordagem do tema a partir da exibição de cenas iguais, em filmes diferentes: a primeira aparição do personagem Batman em cada filme e a primeira aparição do personagem Coringa também nos dois filmes. Para sistematizar o que os alunos entenderam com a explicação dos conceitos de direção, elaborei uma tabela de conceitos (Tabela 1, a seguir), a partir dos quais os alunos puderam se basear para fazer suas comparações entre diferenças e semelhanças nas cenas vistas.

²⁴ Os alunos me enviaram as fotos por e-mail. Eu as imprimi e levei à aula.

Tabela 1: Elementos para a análise de um filme

Personagens	Cenário (objetos, lugar...)	Som (Trilha sonora)	Cores	Figurino /Maquiagem	Outros
Cena 1:					
Cena 2:					

Trabalhar com obras consagradas e famosas é interessante porque chama a atenção do aluno, além de possibilitar a aprofundar os conhecimentos prévios de um aluno consumidor de determinado filme, para que se torne um aluno com visão mais crítica sobre o mesmo ou outros filmes. Com essa aula, os alunos puderam se capacitar a analisar filmes pela trilha sonora, fotografia, seleção dos planos, direção e roteiro. Não que um olhar mais leigo não valha a pena, mas compreender um filme analisando de forma mais técnica o entendimento de maneira mais completa e crítica. Os filmes clássicos e consagrados também incitam debates, como pudemos ver, os alunos tiveram vontade de falar sobre as caracterizações dos personagens, sobre direção e, para isso, se expressaram em português.

Para explicar trilha sonora, o professor colega do cinema exibiu a primeira cena de *O Iluminado* sem som, depois com som. Três ou quatro alunos reconheceram o filme quando o professor exibiu a cena com som. O professor também deu como exemplo do filme *127 horas*, exibindo a cena na qual o personagem corta seu braço, primeiro sem som e depois com som. Os alunos, em geral, não gostaram da cena de nenhum modo, mas perceberam a diferença e alguns comentaram que a segunda era mais “assustadora”. Após isso, realizei uma atividade de leitura de um trecho de uma narrativa e pedi que os alunos se deslocassem até o computador e escolhessem uma trilha sonora para o trecho. Uma aluna escolheu uma música instrumental chinesa, outro aluno escolheu um blues e um outro aluno, um reggaetón. Embora muito diferentes entre si, todas fizeram sentido. Um sentido diferente a cada vez. Na Figura 5, a seguir, apresento a tarefa e ilustro a atividade com a narrativa da cena.

Figura 5: Trilha sonora para trecho de narrativa

O que eu aprendi sobre...
Trilha sonora

1 - Leia o trecho abaixo e tente atribuir uma música para essa cena. Explique o motivo de sua escolha musical.

Trecho 01: *“Elena desceu as escadas, ainda que seu corpo lutasse contra a força que a movia para além da escuridão. O novo cômodo, inexplorado, cheirando a mofo, remeteu-lhe à década passada, quando a velha mansão acordava ao nascer do sol, sob o cacarejar das galinhas de tia Léa e o aroma gostoso de café recém-passado. Agora, tateando as paredes em meio ao breu, Elena sentia com tristeza os sinais do tempo nas paredes descamadas, no soalho apodrecido, rangendo sob seus pés cuidadosos. Seu coração apertou dentro do peito e ela mordeu o lábio para segurar a onda de remorso que subia-lhe pela garganta em forma de choro.”*

Aula 7: Para a aula sete estava previsto no cronograma a sistematização de montagem, trilha musical e som. Trilha musical e som, pudemos abordar na aula anterior. Porém, montagem ficou para o final do semestre, momento em que os alunos entregariam as produções para passar pelo processo de montagem e edição. Tendo em vista que os alunos já haviam aprendido roteiro, funções de uma equipe de cinema, planos e decupagem, a ideia para essa aula foi que os alunos apresentassem suas propostas de roteiro, através de uma apresentação oral em grupos. A atividade contou com preparação escrita e apresentação oral. Além disso, os alunos consideraram as possibilidades de gravação de um filme, para votação, olhando uma tabela e fazendo suas anotações.

Como a turma era composta por 15 alunos, achei que funcionaria dividi-la em dois grupos, para produzirem dois curtas-metragens. Três grupos apresentaram propostas, logo, os componentes de um dos três grupos teriam de se unir a outro grupo para a produção dos curtas. O primeiro grupo apresentou *Assassino Veado*²⁵. O grupo seguiu exatamente a ordem das fotos elaborada para a escrita do roteiro na aula anterior. Inclusive o nome *veado* surgiu porque havia um veado com arranjos de Natal em uma das fotos da Aula 6. Os alunos o incorporaram como um elemento da história, tal qual estava na foto e na ordem, sem alterar. O grupo compreendeu que o subgênero que se adequa ao filme é suspense. O próximo grupo apresentou um filme sem título. Se tratava de um filme de ficção científica. A turma o

²⁵ Os alunos não conheciam a conotação pejorativa que a palavra *veado* carrega. Expliquei, em aula para toda a turma, o significado e também comentei que a comunidade LGBT poderia se ofender com o título. Após o final da votação, os alunos mudaram o título para *Assassino Secreto*

considerou difícil de produzir, por pretender usar muitos efeitos visuais difíceis de executar. O terceiro grupo apresentou *Segunda Vez*. O roteiro apresentado oralmente propunha uma ideia de reconstrução de fatos, possibilidades de se viver novamente, de ter uma segunda chance na vida e consertar os erros do passado. A proposta foi analisada pela turma, que entendeu o filme como drama e comédia romântica.

Depois dessa atividade, os alunos puderam debater sobre os filmes antes de votar. Os títulos mais votados foram *Assassino Secreto* e *Segunda Vez*. O grupo que não teve sua proposta votada se dividiu e cada componente do grupo pôde escolher as equipes que gostaria de fazer parte. Com isso, foi possível preparar uma apresentação oral, apresentar, considerar pontos importantes para uma votação, analisar escolhas, debater e votar.

A produção escrita do roteiro começou nessa aula e levou mais algumas outras para finalizar. O gênero roteiro requer algumas técnicas a mais do que uma narrativa, como a identificação do cabeçalho, fonte específica e alguma subjetividade na descrição dos sentimentos dos personagens, em princípio, o que foi um pouco difícil de colocar no papel. Iniciou-se a escrita do roteiro, coletivamente. Essa proposição promoveu a discussão de ideias para escrita e muitos esclarecimentos de dúvidas individuais de português que, oralmente funcionavam, mas na escrita precisaram de reflexão.

Aula 8: A aula oito seguiu o andamento da sete. Os alunos seguiram debatendo oralmente, escrevendo, esclarecendo dúvidas e pensando, falando, se apropriando da linguagem para escrever o roteiro de um filme em português. Além disso, nessa aula, as equipes definiram as funções de cada componente do grupo. A equipe *Assassino Secreto* optou por dividir as funções entre direção, produção, fotografia, arte, edição e elenco. A equipe do filme *Segunda Vez* optou por vivenciar uma função diferente a cada diária de gravação e todos os componentes do grupo fariam parte do elenco.

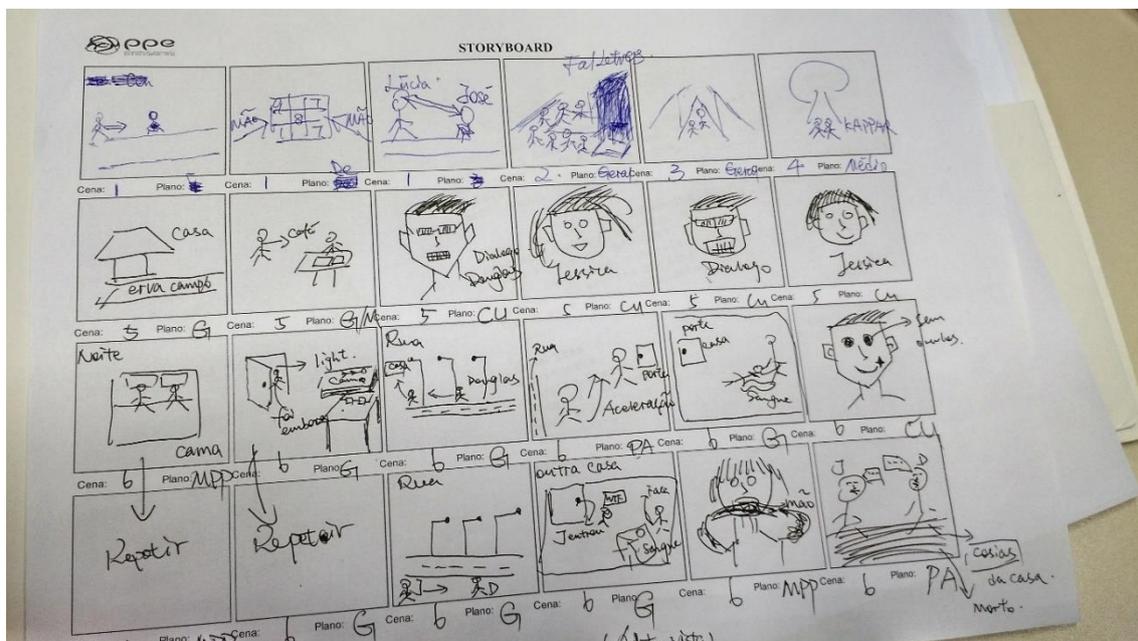
Os alunos começaram a retomar as sistematizações teóricas feitas através de falas de professores e textos escritos nas aulas anteriores. Para tomar as decisões a respeito da escrita do roteiro, debateram oralmente em português, ponderaram, decidiram e, por fim, escrevem os roteiros de seus filmes.

Aula 9: A aula nove contou com a finalização do roteiro de uma das equipes e a realização das etapas de pré-produção - *storyboard*, cronograma e ensaios. O grupo do filme *Assassino Secreto* se organizou e já estava com o roteiro pronto, então foi possível avançar para as etapas seguintes. O grupo que não conseguiu finalizar o roteiro não teve como seguir para as outras etapas em tempo. As finalizações seguiram conforme foi possível.

Dois alunos, ambos de nível avançado em português, me fizeram uma pergunta sobre cantadas, eles pediram que eu sugerisse cantadas para inserir no roteiro. Nesse momento, eles me descreveram o personagem e explicaram o contexto onde seria inserida a cantada. Eu respondi que não conhecia muitas, mas que podíamos pesquisar na internet. As cantadas são, em geral, metáforas; portanto, com isso, os alunos demonstraram que conseguiam compreender metáforas. Juntos, pesquisamos diversas possibilidades para inserir no roteiro e, quando percebi que estavam compreendendo, os deixei selecionar as cantadas para a fala do personagem. Considero importante a autonomia dos alunos na hora de selecionar a fala dos personagens que estão criando e, para evitar que me consultassem a nível de escolha, me afastei.

Os alunos da equipe *Assassino Secreto* já estavam nas etapas de pré-produção. Nesse momento, percebi que conseguiram sistematizar no *storyboard* o que haviam aprendido sobre o gênero e também o que estava escrito no roteiro. A escrita do gênero *storyboard* é importante para a compreensão dos planos que serão usados no filme e para a confecção do cronograma da produção do filme. Abaixo, para exemplificar, apresento uma foto de um *storyboard* que ilustra uma cena do roteiro, os tipos de planos e enquadramentos que os alunos pensaram para a cena.

Figura 6: Storyboard



A equipe que se organizou mais rapidamente foi composta somente por alunos chineses. Especulei sobre a possibilidade de eles estarem se comunicando em seu idioma fora

de aula, pois em aula tivemos que conversar várias vezes sobre a centralidade do uso de português. Infelizmente, eu não podia intervir nessa forma de organização fora da sala de aula. Por um lado, eles estavam se organizando como queriam, por outro estavam produzindo um filme em português. A equipe *Segunda Vez* só podia conversar em português porque os componentes eram de nacionalidades diferentes. Isso proporcionou centralmente o uso da língua portuguesa para resolver questões e escrever, mas, por outro lado, os alunos demoraram um pouco mais para se organizar.

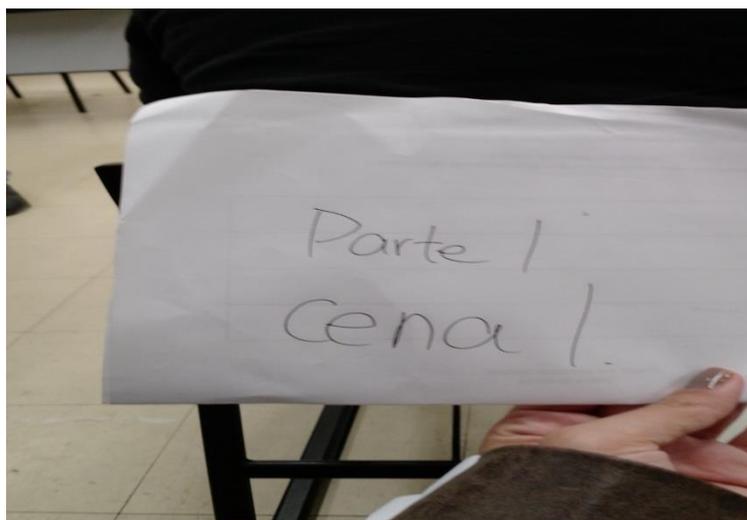
Aula 10: A aula dez foi cancelada, porque os alunos iriam prestar o exame Celpe-Bras e não puderam comparecer a aula.

Aula 11: Na aula onze, apenas um grupo gravou. O grupo que gravou foi o *Segunda Vez*. O grupo *Assassino Secreto* não foi à aula porque decidiram gravar outro dia, na casa de um dos colegas. A equipe do *Segunda Vez* foi à aula para gravar sem cronograma, *storyboard*, preparação, figurinos, ensaios e aparentou não entender, na prática, o que precisaria para executar cada cena. Foi, então, na primeira aula prática de gravação, através de uma conversa comigo, que os estudantes entenderam o que precisam para o *set*. A partir dessa sistematização que tivemos juntos na reunião, a equipe entendeu que precisava se organizar melhor e viu que gravar uma cena requer atenção no roteiro e na preparação dos atores.

Os alunos pensaram no que tinham, naquele dia, para gravar. Ao perceberem que não poderiam gravar as primeiras cenas que haviam planejado, os alunos resolveram que gravariam a cena da sala de aula, porque tinham tudo que precisavam para gravar essa cena. Eles ensaiaram um pouco, me pediram ajuda com as falas²⁶ e, antes de começar a gravar, perceberam que precisavam de figurantes para a cena. Como não haviam conversado antes com pessoas dispostas a atuar no filme, gravaram sem figurantes. Ao começar a gravar, a equipe percebeu que seria necessária uma claquete, e, embora não soubessem como se chamava, me perguntam se não havia uma no PPE. Eu disse que não e sugeri que eles fizessem uma claquete. A foto abaixo ilustra a claquete feita pelos alunos naquele dia.

Figura 7: Claquete

²⁶ Nesse curso, a pronúncia em português brasileiro foi muito trabalhada na hora da gravação.



A equipe gravou três vezes a mesma cena, o diretor daquela diária revisou os vídeos com os colegas e eles entenderam que concluíram o objetivo do dia. A próxima cena deles foi gravada na casa de um dos colegas.

Aula 12: A aula doze foi dedicada à segunda diária de gravações. Nessa aula, o grupo que mostrou autonomia foi o *Segunda Vez*, que já havia realizado uma aula prática; já preparou os figurinos e a diária. Eles gravaram na casa de um colega, como haviam dito. Já a equipe *Assassino Secreto* foi à aula sem figurino, sem ensaiar, e, apesar de terem o *storyboard* em mãos e o cronograma, os alunos não sabiam por onde começar. Eu fiz o mesmo trabalho que fiz com a outra equipe na aula anterior. Orientei os alunos a praticarem as falas que estavam no roteiro antes da gravação, para evitar incorreções e economizar tempo de gravação.

O papel do professor durante as gravações pode ser importante para muitas coisas, desde orientações a respeito da língua, do processo de gravação até segurar o microfone para gravar. Não pude estar presente em todas as gravações e/ou em alguns momentos, como quando os alunos decidiram gravar em lugares diferentes ou quando estavam gravando ao mesmo tempo, o que tornou impossível de acompanhar. Por outro lado, não estar sempre junto ao grupo, proporcionou autonomia e também confiança na hora de gravar. No entanto, estar presente em grande parte das diárias é relevante para avaliação, orientação e ajuda aos alunos.

Aula 13: A aula treze foi planejada para ser a última diária de gravações. Percebi que as duas equipes já estavam bem melhor organizadas. Sabiam o que gravar, como iriam gravar, já sabiam os planos que iriam utilizar, levaram figurinos e providenciaram objetos de cena.

Nesse dia, notei que a prática foi um exercício da teoria e que os ensinamentos puderam de fato ser utilizados em algum momento necessário.

O grupo *Segunda Vez* me pediu, antecipadamente, para levar minhas maquiagens para aula. A cena que eles iriam gravar precisava de uma maquiagem artística, que deixasse a personagem com aparência de uma pessoa doente. Eu levei e ajudei a maquiar a aluna atriz. A equipe gravou uma cena na qual uma personagem atirava água no outro personagem. O aluno que iria receber essa água me mostrou que estava preparado para a cena, pois levou três casacos diferentes para gravar. A equipe queria gravar dentro do bar da Universidade, mas o dono do bar disse que não era possível, então eles gravaram do lado de fora do bar, mas usaram as mesas do estabelecimento. A segunda - e última - locação do dia dessa equipe foi a sala de aula. Eles compraram uma porção de batata frita, usada como objeto cenográfico, e pediram um copo com água. Começaram a gravar. Se deram conta, depois, de que seria mais adequado gravar a cena sem a atriz maquiada primeiro, mas naquele momento já haviam feito a maquiagem e resolveram gravar a cena com ela maquiada para depois limpar o rosto da atriz e seguir a gravação.

Nesse dia, eu tinha dois sets para acompanhar. Tentei me dividir entre as duas equipes. *Assassino Secreto* estava gravando na sala de aula, depois iria gravar no corredor do prédio e, por último, no jardim externo da Universidade. A equipe levou todos os elementos de que precisava para gravar: figurinos, um computador, um bilhete, uma garrafa de água e pimenta em pó²⁷. Quando cheguei no set, eles estavam gravando no corredor. O diretor de fotografia²⁸ me mostrou o que gravaram até o momento. Ele me mostrou um plano da caminhada no corredor que seria realizada pelo personagem Douglas²⁹, mas sem o ator. O plano representava o olhar do personagem. Eu elogiei a ideia do plano e disse que acreditava no resultado positivo daquela cena. As gravações, nesse dia, terminaram depois do horário normal de finalização da aula. Os alunos optaram por ficar no Campus até terminar as gravações. Eu segui com eles, acompanhando, avaliando e ajudando.

Aula 14: A aula catorze foi dedicada à montagem. Nessa aula também aproveitei para discutir os títulos dos filmes. Após ter analisado os roteiros e a gravação, conversei sobre a ideia de *Assassino Secreto* ser algo redundante. Expliquei o conceito a toda a turma e percebi que eles concordaram comigo. Logo em seguida, a diretora da equipe mudei o título para

²⁷ A pimenta em pó era para representar o veneno que mataria uma personagem. Eles colocaram pimenta dentro da garrafa e a atriz a bebeu. Eu perguntei porque eles não levaram outra coisa, já que pimenta pode ser forte demais para tomar com água. Eles me responderam que não tinham outra coisa.

²⁸ Essa equipe se dividiu entre as funções que cada um queria ter, diferente de *Segunda Vez*, sem alterações.

²⁹ Nome do personagem principal de *Assassino Secreto*.

Fragmento, entendi que aceitaram a minha sugestão de modificação e que conseguiram escolher um título que, além de bonito, conversou muito bem com a proposta. Segundo a diretora, o personagem principal tem a mente fragmentada. Já a equipe *Segunda Vez* se mostrou relutante à minha sugestão de alteração no título para *Segunda Chance*, porque entendi pelo roteiro e pelas gravações que os personagens teriam novas oportunidades de viver e consertar erros do passado. Expliquei em português e até em inglês e, ainda assim, os alunos não aceitaram mudar. Entendo que a obra era deles e que eles deveriam atribuir o título, mas me preocupei com o fato de que talvez não estivessem entendendo o sentido e o uso das expressões *segunda vez* e *segunda chance*. Comentei que o roteiro e o projeto do filme apresentaram uma proposta de segunda oportunidade, de resolver erros do passado, de segunda chance. O silêncio dos alunos não me disse se haviam entendido ou se estavam pensando a respeito de uma possibilidade de mudança, por ora, respeitei esse silêncio e aguardei uma possível resposta.

Para essa aula, convidei um professor que ajudou na montagem e edição dos filmes. A equipe *Fragmento* tinha uma pessoa que sabia montar e editar filmes muito bem. Quando o professor perguntava qual equipe gostaria de começar, a equipe de *Fragmento* disse que o filme já estava pronto e entregaram um pen drive com o filme. O filme realmente estava pronto! Nesse dia, sugerimos apenas a mudança do título e os próprios alunos pensaram em inserir legendas. Essas ações mostraram que os alunos estavam envolvidos com o trabalho que realizaram e que se organizaram com autonomia. Inserir legendas no filme que produziram correspondeu à necessidade de emitir uma mensagem de forma oral e escrita, evitando possíveis incorreções e facilitando a compreensão dos interlocutores

A equipe *Segunda Vez* não sabia como fazer para corrigir as falhas de narrativa que estavam no roteiro e seguiram nas gravações. Nem todos os erros podiam ser corrigidos na edição. Nesse momento surgiram ideias de até mesmo outras propostas, outros formatos de filme que mudaram muito o roteiro e alguns eram até difíceis de realizar – como filme mudo, sugerido por um dos componentes do grupo. Os alunos pareciam estar nervosos com o resultado. Mais uma vez, foi na prática que perceberam a relevância da teoria. O professor os ajudou a montar o projeto do filme e editar. Na aula seguinte, o professor voltaria para ajudar a finalizar.

Aula 15: Nesta aula, pudemos ver o filme *Fragmento* finalizado já com título e legendas. Uma aluna sugeriu correções nas legendas. Essa foi uma importante reflexão: os alunos estavam escutando e lendo suas produções, corrigindo uns aos outros, usando e refletindo acerca da linguagem. A preocupação da aluna com a performance em português

também demonstrou reflexão acerca do uso da linguagem. Nesse momento, pronúncia e escrita em português são analisadas a partir da produção cinematográfica dos próprios alunos.

A equipe *Segunda Chance* mostrou no filme que acabou aceitando as sugestões feitas por mim acerca do título. Além disso, o grupo apresentou um filme com cenas que não haviam sido gravadas. Os próprios alunos perceberam os problemas da narrativa e solucionaram sozinhos. Também realizaram o trabalho de inclusão de legendas, que foi importante para a própria conscientização acerca da transferência do diálogo oral para o escrito. Os estudantes convidaram uma amiga, também estrangeira e estudante do PPE, para assistir e contar o que compreendeu no filme. Com isso, mostraram a preocupação com o que iriam transmitir a um público maior na próxima semana, durante a Feira Cultural do PPE.

Observo aqui o processo de edição realizado fora de aula pelos alunos. Ressalto o evento de gravação de novas cenas para compor a narrativa, a inserção de legendas e efeitos nos filmes. Relaciono essa atividade de edição dos filmes à reescrita de um texto. A um texto, em sua primeira versão, normalmente cabe a reescrita. O filme como texto passou pelo processo de reescrita percebido pelos alunos, a edição.

Aula 16: A última aula foi o momento de os alunos exporem suas produções para alguém além de mim e dos colegas. Eu sugeri que eles convidassem seus amigos e convidei as professoras das outras turmas do PPE para levarem seus alunos. Foram as turmas do Básico I e Básico II, que tinham aula naquele dia e horário. Os filmes também foram transmitidos ao vivo no *Facebook*. Na Figura 8, a seguir, apresento os cartazes dos filmes, com os nomes dos integrantes de cada equipe ocultos.

Figura 8: Cartazes dos filmes *Fragmento* e *Segunda Chance*³⁰

³⁰ Os quadros pretos foram utilizados para ocultar os nomes dos alunos.



Ao final da exibição, a plateia fez perguntas e elogios aos produtores e atores dos filmes. Esse retorno do público possibilitou que os alunos fossem conhecidos por suas habilidades artísticas, por saberem contar histórias, interpretar, imprimir suas ideias em imagens. O público conheceu os filmes dos alunos, assim como conheceu novos diretores, atores, roteiristas, diretores de fotografia e produtores.

Na ocasião, os amigos dos alunos expressaram diversas emoções ao ver os filmes. Em alguns momentos, riram ao vê-los em cena. Alguns alunos atores se sentiram envergonhados, principalmente quando apareciam em cenas românticas. Muitas vezes, identificar o colega em cena pode ser engraçado por expressar uma situação diferente, na qual o colega aparece representando um personagem, mostrando um lado artístico até então desconhecido. Isso é um fator que pode promover risos, entre outras emoções.

Em suma, as aulas teóricas, as atividades e tarefas de compreensão de leitura, escritas e reescritas dos gêneros do discurso que compõem a arte cinematográfica foram as oportunidades que os alunos tiveram para desenvolverem e mostrarem habilidades linguísticas e artísticas pertinentes ao estudo feito até então.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Somos sempre modificados pelo que
amamos.*

Joseph Brodsky

Neste trabalho, busquei relatar e discutir a minha experiência docente como professora de Prática Cinematográfica em aula de PLA, enfocando o gênero do discurso filmes e abordando as práticas de multiletramentos em sala de aula. Também busquei discutir a importância do cinema no ensino de PLA, analisando o currículo do curso e o registro das aulas, feito em meu diário de classe, atrelando à importância do ensino de multiletramentos em sala de aula e o ensino do gênero do discurso filmes. Conforme Miguel et al (2012):

A partir do advento das novas tecnologias em rede (internet) e dos recursos multimidiáticos e multissemióticos mobilizados nas práticas de letramento contemporâneas, instauram-se visões mais complexas das práticas sociais e de linguagem, culminando em uma produção cultural plural e diversa. (MIGUEL et al, 2012, p. 214)

As práticas de multiletramentos são práticas sociais, nas quais os sujeitos buscam informação, entretenimento, lazer, conhecimento, divulgação de ideias e comunicação. A internet e o smartphone fomentam o acesso rápido aos sites, às redes sociais e a conteúdos midiáticos. Hoje uma receita de um prato pode ser aprendida através de um tutorial de *YouTube*, uma mensagem pode ser transmitida através de um vídeo no *Instagram*. A comunicação e a interação podem acontecer de forma rápida e fácil através da cibercultura. Já que a tecnologia proporciona novidades e novas formas de interação diariamente, cabe à escola estar em consonância com o que acontece na vida, proporcionando aos alunos habilidades para interagir em sociedade e capacidade de posicionamento crítico acerca do consumo desses gêneros.

De acordo com os PCN (1997) a escola tem por objetivo criar possibilidades e orientar para o aluno “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas ” (Brasil, 1997, p. 5). Os PCN (1997) também destacam que o aluno deve “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (Brasil, 1997, p. 5); em vista disso, é fundamental que a escola propicie espaços para as práticas que ocorrem dentro das esferas da comunicação.

Em comparação a novas práticas sociais como *YouTube* e redes sociais, o cinema não é uma linguagem tão recente. Porém, o cinema é o primeiro gênero audiovisual da história, o

mais antigo, histórico e mais popular de todos os que surgiram a partir dele. O cinema possibilita a criatividade, a imaginação e infinitas formas de expressão e significação. Através de um filme, conhecemos, (re)conhecemos, criamos, (re)criamos, refletimos, rimos, sorrimos, choramos, amamos, odiamos, nos identificamos e vivemos outras vidas, outros tempos, histórias, narrativas, momentos e sonhos. O cinema permite o fluxo da imaginação, do sonho, permite a paixão e as surpresas entregues na tela, a quem se entrega a ela. O cinema permite novos olhares e perspectivas. Por ser uma linguagem tão ampla e tão eloquente, a arte cinematográfica ganhou novas ramificações e linguagens ao longo dos anos e todas elas fazem parte das vidas de todos nós. Quando assistimos a um filme, segundo Xavier (1983):

Vemos a selva, vemos o herói no auge do perigo; e, num súbito lampejo, aparece na tela um quadro do passado. Por apenas dois segundos a cena idílica na Nova Inglaterra interrompe as emocionantes peripécias na África. É o tempo de respirar fundo uma única vez e já estamos de volta aos acontecimentos presentes. Aquela cena doméstica do passado desfilou pela tela exatamente como uma rápida lembrança de tempos idos que aflora à consciência. (XAVIER, 1983, p. 37)

Através do cinema todos esses e muitos outros eventos são possíveis de terem vida na tela. A partir da imagem em movimento e do som é possível dar vida a qualquer ideia.

Em vista disso, o currículo do curso Prática Cinematográfica foi planejado com o objetivo de proporcionar técnicas de análise e produção de filmes. Na primeira aula, os alunos puderam expressar suas impressões sobre cinema e gostos pessoais. A partir dessa aula, tentamos ensinar a linguagem audiovisual básica para que os alunos pudessem produzir um curta-metragem. Esse currículo e essa abordagem aqui relatados são uma possibilidade de estudo e ensino de cinema em aula de PLA. Ao longo do semestre, percebi outras necessidades e possibilidades de abordagens, bem como necessidades trazidas pelos alunos. O registro em meu diário de classe e a escrita desse relato me ajudaram a sistematizar o curso e refletir a respeito de minha prática docente. A partir disso, elaborei o currículo do curso Prática Cinematográfica 2017/2 de outra forma, com menos sistematizações técnicas, mais oportunidades práticas e inclusive como uma hora a mais em cada aula, culminando em um curso de 60h. A

Considero que o ensino da linguagem audiovisual, atrelado ao ensino de PLA permitiu novos usos do idioma, possibilitou interação e comunicação de ideias, pensamentos e desejos através da produção e exibição de um filme. Os alunos puderam conhecer e analisar alguns filmes brasileiros; entender sobre gêneros e subgêneros cinematográficos; produzir em português um roteiro, um *storyboard*, um cartaz e um filme com legendas em português; conhecer planos, enquadramentos e explorá-los durante as gravações; interpretar personagens

desenvolvendo diálogos em português, treinando a pronúncia e refletindo sobre usos da língua oral a partir da escrita (as falas do roteiro); dar voz, luz, imaginação e ação às suas ideias através da arte cinematográfica. Além disso, os textos escritos trabalhados orientaram discussões, perguntas de leitura e sistematizações de conteúdos linguísticos e audiovisuais. Foram trabalhadas, nesse contexto, as quatro habilidades linguísticas: falar, escutar, ler e escrever. Para mais, também foram trabalhadas habilidades multimodais que envolveram a produção audiovisual: gravar, fotografar, editar e o trabalho em grupo.

Tentei aqui apresentar um relato das práticas de sala de aula realizadas na turma Prática Cinematográfica de 2017/1, também elaborei uma discussão do que entendo por relevante dentro dessas práticas. A partir dessa abordagem semiótica de representação e produção em PLA, os alunos se conheceram, refletiram e produziram em português, tornando possível o conhecimento, reflexão e uso das duas linguagens ao mesmo tempo. O conteúdo audiovisual trabalhado foi abordado de forma básica, por mim e pelos professores convidados. Nosso objetivo não era formar profissionais do cinema, mas sim proporcionar a possibilidade de novos usos e conhecimentos em aula de PLA. Os conhecimentos técnicos sistematizados e os objetivos do curso são o registro de uma das possibilidades de estudo do gênero. Os filmes produzidos pelos alunos são os resultados dessa aprendizagem e são também os registros de uma turma que encerrou o semestre e seguiu rumos diferentes, de volta a seus países de origens, suas vidas, seus caminhos, mas que deixou como lembrança suas vozes, imagens, características físicas e emocionais nos registros fílmicos, porque o cinema também é memória.

Dar espaço à arte em sala de aula é dar espaço para inquietações, dúvidas, emoções. Apropriar-se da arte cinematográfica em sala de aula permite muitas possibilidades de abordagem, porque são muitas as possibilidades de entender o cinema.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMT, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>
- CONCEIÇÃO, J. V. **O ensino de gêneros orais públicos: o que o teatro tem a ver com isso?** (Trabalho de Conclusão de Curso) – IL, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- CORTÊS, H. S.; GERBASE, C. **Cinema e educação: as possibilidades do cinema como recurso mobilizador da aprendizagem**. In: FREITAS, A. L. S; GRILLO, M. C.; GESSINGER, R. M.; LIMA, V. M. R. **Capacitação Docente – Um movimento que se faz compromisso**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, p. 61-73
- COSTA, M.H.B.V.; **Ficção e documentário: Hibridismo no Cinema Brasileiro Contemporâneo**. O percevejo – online, vol. 5, no. 2, p. 165-190, jul-ago 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19335/1/Maria%20Helena%20Braga_%20Fic%C3%A7%C3%A3o%20e%20document%C3%A1rio.pdf Acesso em: 26 de Dezembro de 2017.
- GERBASE, C.; **Cinema: Primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2017;
- KLEIMAN, A.; **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Tradução Paulo neves. São Paulo: Brasiliense: 2003.
- MARTINS, A. F. **Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais**. In: OLIVEIRA, M. O. (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015.
- MIGUEL, E. A.; FERREIRA, J.; CAMPOS, J. F.; LEMES, L. R.; BENEVIDES, L. R.;

- NEVES, C. S. **Práticas do discurso oral: uma proposta de ensino de gêneros orais em português como língua adicional.** (Trabalho de Conclusão de Curso) - IL, UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- NOGUEIRA, L. **Manuais De Cinema II - Gêneros Cinematográficos.** Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010.
- RIO GRANDE DO SUL. **Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Porto Alegre: SE/DP, 2009. Disponível em:http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf
- ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SANTOS, S. N. **As múltiplas faces do Brasil em curta metragem.** In: ROJO, R.; MOURA, E.; **Multiletramentos na Escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. (2012). **Linguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês.** Erechim, RS: Edelbra.
- TEIXEIRA, A.; LITRON, F. F. **O maguebeat nas aulas de Português - Videoclipe e movimento cultural em rede.** In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 167-180.
- XAVIER, I. **A experiência no cinema: antologia.** Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.